



# O cristianismo e a ultramodernidade

## Limites e possibilidades do seu futuro

### INDICE

EDITORIAL .....	2
MATÉRIA DE CAPA .....	3
<i>"O cristianismo cumprirá uma nova função no mundo que está por nascer"</i> .....	5
Entrevista com Marcel Gauchet .....	5
<i>O cristianismo na ultramodernidade</i> .....	7
Entrevista com Jean-Paul Willaime.....	7
<i>"Deus é projeto, e nós o encontramos quando temos a força para projetar..."</i> .....	10
Entrevista com Gianni Vattimo .....	10
<i>"A fé cristã é de natureza existencial e mística, com implicações éticas e sociais" ....</i>	13
Entrevista com Gérard Donnadieu .....	13
<i>As tradições religiosas e o melhor humanismo não devem permitir a "morte do homem"</i> .....	16
Entrevista com Reyes Mate .....	16
<i>Cristãos e "cristianistas"</i> .....	19
Entrevista com Rémi Brague.....	19
<i>Habermas e Ratzinger: os fundamentos morais pré-políticos do Estado democrático</i>	22
Entrevista com Alberto Melloni.....	25
DESTAQUES DA SEMANA.....	28
ARTIGO DA SEMANA.....	28
As tais fotografias.....	28
Por Prof. Dr. Fernando Althoff.....	28
LIVRO DA SEMANA .....	29

Jurandir FREIRE COSTA. <i>O Vestígio e a Aura</i> . Corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.....	29
DEU NOS JORNAIS .....	36
FRASES DA SEMANA.....	39
<b>EVENTOS IHU.....</b>	<b>41</b>
<b>SIMPÓSIO INTERNACIONAL TERRA HABITÁVEL: UM DESAFIO PARA A HUMANIDADE.....</b>	<b>41</b>
Oficinas e minicursos do Terceiro dia.....	41
Simpósio Internacional. As grandes conferências.....	42
Os cursos do Simpósio .....	43
ESCOLA POLÍTICA DE CAXIAS DO SUL CONCLUI SUA PRIMEIRA TURMA .....	43
O MODO DE OBJETIVAÇÃO JORNALÍSTICA .....	43
<b>IHU REPÓRTER .....</b>	<b>44</b>
JOÃO PAULO SEFRIN.....	44
SALA DE LEITURA.....	46

## EDITORIAL

*Aproxima-se o Natal, com ele, o recesso universitário e um tempo que, de uma ou outra forma, não deixa ninguém indiferente. Para alguns é de reflexão, para outros de reencontro. Para a última edição de 2004 de **IHU On-Line** é um momento de debate sobre o cristianismo em tempos ultramodernos. Levantamos aqui uma discussão da maior atualidade, especialmente entre alguns intelectuais, como o atestam os debates suscitados pelo recém-lançado livro **Le religieux après la religion** de Luc Ferry e Marcel Gauchet e o encontro de Jürgen Habermas e Joseph Ratzinger.*

*Para essa discussão neste fórum público, que é o boletim do IHU, celebrando o Natal, convidamos, entre outros, Marcel Gauchet, redator-chefe da revista *Débat*, Jean-Paul Willaime, diretor de estudos da seção de Ciências Religiosas na *École Pratique des Hautes Études*, Gérard Donnadieu, da *École Catedral de Paris*, Gianni Vattimo, filósofo e Reyes Mate, também filósofo. Procurando enriquecer a discussão, este número possibilita a leitura do dossiê publicado pelo jornal italiano **La Repubblica** sobre o tema e uma entrevista de Remi Brague, publicada na revista **30 Giorni**. O lançamento do livro de Jurandir Freire Costa e a discussão suscitada e já comentada no boletim da semana passada podem ser lidas dentro do contexto da discussão do tema de capa do boletim desta semana. Assim, disponibilizamos uma longa entrevista deste psicanalista, agudo analista da realidade sociocultural da nossa sociedade, neste número.*

*Este é, como já dissemos, o último boletim do ano de 2004. Publicaremos uma edição especial por ocasião do Fórum Social Mundial. Esta edição estará disponível na sua versão eletrônica, na página [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) no dia 17 de janeiro. A versão impressa estará disponível no estande do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – a partir*

do início do Fórum Social Mundial. O boletim **IHU On-Line** voltará a circular, normalmente, sempre às segundas-feiras, no dia 28 de fevereiro de 2005.

A todos e todas que nos acompanharam neste ano, como leitores, analisando, criticando, contribuindo conosco, desejamos um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de muita saúde e paz!

Uma ótima leitura!

[\(Voltar ao índice\)](#)

## MATÉRIA DE CAPA

**IHU On-Line** coletou alguns depoimentos de pessoas que percorriam o câmpus da Unisinos na última semana. Elas falaram sobre o Natal e o sobre o futuro do cristianismo.

**Marcela Cunha Trindade, 17 anos, vestibulanda na Unisinos e residente em Novo Hamburgo**, considera o Natal um momento importante, de união da família. Marcela percebe que o cristianismo não está sendo muito vivido nos dias de hoje e acredita que ele tem pouco futuro. "Daqui a pouco vai acabar. Hoje o que conta são os valores materiais".

**André Borges Cunha, 26 anos, é funcionário do setor de hidráulica da Dálkia, na Unisinos, e residente em Canoas**. Ele comemora o Natal em casa, com uma janta e, depois, vai a alguma festa em uma danceteria. Para ele, o Natal é um dia voltado para a família. "Não são todas as noites que tem aquela união", disse. André acredita que, a cada ano que passa, a sociedade está perdendo a cultura do cristianismo. "Só os nossos avós e bisavós ainda têm mais essa mensagem. Os jovens de hoje em dia estão perdendo muito isso. Eles querem curtidão, balada, praia. A maioria não pensa mais no passado, como foi a história de Jesus Cristo. Se sobrar alguma coisa do cristianismo no futuro, vai ser muito pouco, ainda mais por essas ondas de violência que estão por aí."

**O acadêmico do curso de Direito da Unisinos, Teodolino Teles, 64 anos, morador de Canoas**, comemora o Natal em casa, com uma festinha, à meia-noite, na companhia dos familiares, sentindo que mais um ano se passou. "Normalmente a gente faz um churrasquinho, com aquela tradição da carne de porco, lentilha e alguns doces". Para ele, o Natal hoje não é como era antigamente. "No passado, ele era mais festejado, com mais fé, agora o cristianismo, em termos de crença, está bem avançado. O evangelho está sendo mais praticado. O evangelismo vai predominar no futuro, se bem que eu tenho um certo medo de que, com o tempo, vai ter uma rivalidade de religiões, entre os cristãos e outras religiões. Vão voltar aqueles velhos tempos de perseguição aos cristãos. O que está na Bíblia é o que está se vendo hoje. O que está escrito, desde o Antigo até o Novo Testamento, está ocorrendo, vemos dia a dia, pela televisão, aquilo que foi profetizado há dois mil anos, como pais e filhos se desentendendo e o aumento da criminalidade de forma incontrolável".

**Para Astélio José Kroth, 54 anos, vendedor, residente em Venâncio Aires**, o dia do Natal é um dia muito feliz, dia de família. "Com relação ao cristianismo vejo o povo em geral mais afastado da religião. O que podemos esperar para a sociedade do futuro? Esperar algo melhor, uma mudança que venha da religião. Eu tenho essa esperança".

**Eliza Ehlert, 32 anos, funcionária da Safepark Estacionamentos e residente em Sapucaia,** conta que, no Natal, ela se reúne com a família. "Fica todo mundo lá em casa, fazemos ceia, trocamos presentes, normal. Eu gosto, acho uma época muito bonita, de amor, carinho..." Eliza acha que o cristianismo hoje é pouco vivido. "O pessoal está mais interessado em bens. A palavra de Cristo algumas pessoas lembram, muito poucas. Não sei se, no futuro, ainda vai existir família, do jeito que está indo... Mas espero que sim, senão não sei o que vai ser", desabafa.

**Vitor Necchi, 34 anos, jornalista e professor na Unisinos, morador de Porto Alegre.** Ele não se considera um dos mais entusiastas do Natal, explica que o sentido do Natal se perdeu um pouco. "Os estímulos existentes no final do ano, na sociedade, para o Natal, estão ligados ao consumo. Sem falar que tem todo um clima meio depressivo por conta das músicas natalinas". O que Vitor acha de mais interessante no Natal, hoje, está personalizado na sua sobrinha, de sete anos. "As crianças é que conseguem dar um sentido diferente para o Natal. Hoje, para mim, o Natal tem muito sentido, porque a família se reúne em função da criança". Em relação ao cristianismo, o professor considera que parte das pessoas, nesta época do ano, usa o Natal para se reunirem, se reencontrarem e talvez resgatarem alguns valores do cristianismo que, durante o ano, ficam muito diluídos e atropelados pelo cotidiano e pela vida contemporânea, que é muito brutal. "Embora exista o grande apelo do consumo no Natal, a questão do cristianismo se evidencia, ele se renova em questões bem particulares e subjetivas, como essa que eu citei da minha família". Quanto ao futuro, Vitor não se considera muito otimista. "A nossa sociedade, cada vez mais, é pautada por premissas pouco humanistas. A humanidade é um projeto fracassado, justamente porque falta humanismo nas relações. Temos um problema seríssimo de falta de solidariedade, de falta de respeito entre as pessoas, entre os povos, entre os países. Se houvesse uma revigoração de sentimentos humanistas e solidários, e as pessoas tivessem mais bom humor, esse mundo seria bem melhor".

**Fernanda Rigatti Giuradelli, 27 anos, acaba de se matricular do curso de Serviço Social da Unisinos, é comerciante e mora em Boa Vista do Sul.** Para ela, Natal é uma data muito importante, de união e alegria. "Costumamos comemorar o Natal em família, com celebração religiosa, e no dia 25 de dezembro, com toda a família reunida, fazendo festa", conta. Fernanda pensa que o cristianismo está desvalorizado. "O pessoal está pensando quase que somente na parte material. Mas ainda há pessoas que vivem no Natal o momento do nascimento de Jesus, das coisas novas. O individualismo está predominando, as pessoas pensam em si e não pensam tanto no próximo. Mas muita coisa está sendo feita, e eu pretendo ajudar com o meu trabalho, com solidariedade. Muitos projetos estão sendo criados, apesar de alguns desvios. Se cada um fizer um pouquinho, dá para mudar muita coisa", reflete animada.

**Marco Antônio Pedri, 57 anos, bancário, residente em Porto Alegre,** sente na época do Natal uma fraternidade muito grande, um envolvimento com a família e a vontade de doação. O período natalino, para ele, é um momento muito feliz, alegre e de emoção. "Celebramos o Natal em família, desde a montagem do pinheiro, que fica de 8 de dezembro a 6 de janeiro, com presépio e presentes, até a vinda do Papai Noel, bem tradicional. Hoje as pessoas estão muito mais emotivas, elas acreditam mais, têm uma fé muito grande, até pela necessidade mundial de sair das coisas ruins que acontecem, fazendo com que a maioria se apegue muito na fé em Deus. Devemos ser mais pró-ativos, porque o mundo hoje está muito violento, com guerras,

fome, e uma disputa muito grande. Isso nos faz apegar mais nas coisas de energia, de fé em Deus. O cristianismo é uma grande energia, uma paz, e é isso o que eu quero".

**Antonio Carlos Bastos, 76 anos, aposentado e residente em São Leopoldo** fica deprimido nessa época de Natal e Ano Novo. "Não sei por que isso, desde mais moço me dá uma depressão. Durante as comemorações procuro me afastar, ir para um local retirado". Fora disso, ele acha o Natal uma época muito bonita. Antonio acredita que o cristianismo não existe nas festividades de Natal hoje em dia. "Isso é 80% comercial. Ainda tem um pouco desses valores, o pessoal convida para fazer ceia nas casas, se reúne, mas de cristianismo mesmo, do que pregou Jesus Cristo, é muito pouco. O futuro guarda o que hoje aparece cada vez mais: o interesse pela parte material".

**Andrisa Link tem 23 anos, mora em Novo Hamburgo, é aluna do curso de Pedagogia e funcionária do Instituto de Idiomas Unilínguas, da Unisinos.** O Natal desperta nela sentimentos de paz, reconciliação e, principalmente, unidade entre os familiares. "Passo a noite de Natal com a minha família. Participamos da missa, depois fazemos uma ceia e refletimos sobre como foi o ano, de que forma vivemos o ano corrido, que não dá tempo de olhar um para o outro e ver o que outro está sentindo. Hoje vejo que as pessoas estão buscando muito essa questão da solidariedade, de ajudar o outro que não tem o que comer, o que vestir, e não tem carinho. Isso está se resgatando na sociedade, esse sentimento de olhar para o outro e ser solidário com ele. No futuro também a solidariedade será a base de tudo. É preciso ver o outro como alguém que também precisa das mesmas coisas que a gente precisa saber partilhar e dividir com o outro o que queremos para a gente. A questão desse lado de maior reflexão, mais espiritual, de uma maior busca de algo superior, de fé, indiferente de credo, é algo que as pessoas estão buscando, para se completarem e serem felizes".

[\(Voltar ao índice\)](#)

## "O CRISTIANISMO CUMPRIRÁ UMA NOVA FUNÇÃO NO MUNDO QUE ESTÁ POR NASCER"

### Entrevista com Marcel Gauchet

*Marcel Gauchet, diretor de estudos da École des hautes études en sciences sociales, e redator-chefe da revista **Débat**, é autor dos livros **Le désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion.** Paris: Gallimard. 1985; **La Religion dans la démocratie. Parcours de la laïcité.** Paris: Gallimard. 2001; **La Démocratie contre elle-même.** Paris: Gallimard. 2002; **La Condition Historique.** Paris: Stock, 2003. Com Luc-Ferry acaba de publicar, em outubro último, o livro **Le religieux après la religion.** Paris: Grasset. 2004 e **Un monde désenchanté?.** Paris: L'atelier, 2004. Ele concedeu a entrevista, a seguir, por e-mail, ao **IHU On-Line**.*

**IHU On-Line - Qual é o lugar que tende a ocupar o cristianismo no século XXI? Qual é o verdadeiro debate em torno da questão religiosa, segundo seu ponto de vista?**

**Marcel Gauchet** - Depende muito do ponto em que a gente se situa. A situação não é a mesma na Europa, nos EUA, na América Latina. Do ponto de vista europeu, o século XXI se anuncia como o século da marginalização social e política do cristianismo. Mas uma marginalização que abre ao cristianismo a possibilidade de jogar um papel espiritual e moral muito importante. Podemos dizer que se trata de uma situação excepcional em todo o mundo, se a comparamos com a grande vitalidade que o cristianismo institucional tem na América do Norte ou Sul ou nas outras regiões do mundo. Eu acredito que é um erro. A Europa, neste ponto, anuncia o futuro.

O cristianismo só poderá continuar exercendo um papel significativo no futuro se ele renunciar à vontade de controlar a sociedade e a política. Ele não tem mais recursos para isso, mesmo lá onde ele aparece, ainda, com muita força. Ele está sendo chamado para uma outra função no mundo que está por nascer. Aparentemente, lendo os jornais, o debate prioritário em torno da questão religiosa hoje é aquela que diz respeito ao fundamentalismo. Mas este, na realidade, é um debate do passado. Seguramente, o fundamentalismo vai continuar a fazer muito barulho durante o século XXI, mas o verdadeiro problema está além. Trata-se de saber o que as religiões em geral e o cristianismo em particular, podem aportar às sociedades que elas não dominam nem organizam mais.

***IHU On-Line - Para a construção da pessoa e a construção de um outro mundo alternativo ao atual, a religião é ou não importante?***

**Marcel Gauchet** - É preciso iniciar dizendo claramente que a religião não é capaz de construir por ela mesma um mundo alternativo àquele no qual nós vivemos. O Sermão da Montanha não é um programa social e político. A religião pode contribuir na edificação de um mundo alternativo somente se admite que ela não será mais que um componente entre outros, ao lado de componentes não religiosos, e que a regra deste mundo deverá ser feita por pessoas que vivem fora da religião.

***IHU On-Line - Qual é a relação entre religião e valores? Liberdade, igualdade e fraternidade são aspirações anteriores à democracia. Como podem as religiões em geral e particularmente o cristianismo enriquecer a democracia?***

**Marcel Gauchet** - É verdade. A democracia não inventou tudo. Mas ela realiza as aspirações que existiam antes e isso faz uma grande diferença. Para enriquecer a democracia, é preciso começar por aceitá-la sem mais nem menos, até o fim. Poucos cristãos são, ainda, capazes, hoje, de fazê-lo plenamente. Aceitar a democracia significa não só admitir o pluralismo das religiões, mas admitir que não há uma ordem social cristã, que não há uma política cristã, que Deus não se ocupa escrevendo constituições. A democracia significa a liberdade dos homens de definir as regras do mundo, eventualmente baseadas em convicções religiosas, mas sabendo muito bem que são convicções humanas. que as religiões e o cristianismo em particular tiverem aceitado sem reservas esta autonomia metafísica da sociedade humana, elas terão a possibilidade de se tornarem referências essenciais do debate público, enquanto um neoclericalismo de esquerda as faria serem rejeitadas. Elas poderão ser, então, um verdadeiro poder filosófico. O que ameaça a democracia, hoje, é o vazio, a futilidade, o esquecimento, a facilidade, o curto prazo, a superficialidade. As religiões e o cristianismo, em particular, têm o sentido do essencial, do trágico, do mistério da aventura humana, todas as coisas que a democracia facilmente ignora. Elas podem ser decisivas para a democracia.

***IHU On-Line - O que as religiões e o cristianismo podem ainda dizer aos problemas de nossos contemporâneos?***

**Marcel Gauchet** - Creio ter dito o principal na minha resposta precedente. O cristianismo fala aos nossos contemporâneos tudo aquilo que o mundo democrático tende espontaneamente a esquecer, mas que está aí, a começar pela doença, o sofrimento e a morte. Não há e dificilmente poderá haver uma cultura democrática destas realidades. Assim, as religiões continuam e continuarão a dizer algo mesmo para pessoas que não são crentes.

***IHU On-Line - Como a sociedade do mercado influencia a religião e como se poderia esperar influência inversa?***

**Marcel Gauchet** - Como em tudo, há um mercado das religiões. As religiões lutam, num certo sentido, para se vender! Para sair da lógica do mercado, há somente um caminho: a aceitação por parte dos indivíduos e das coletividades da autolimitação das suas necessidades, frente às ofertas de toda espécie que lhes são oferecidas. Serão as religiões capazes de armar os indivíduos e as coletividades para esta autolimitação? Elas podem contribuir, mas é evidente que elas sozinhas não são suficientes para tal tarefa. Elas devem se aliar a outras forças morais e filosóficas para isso. É uma mobilização que devemos fazer e que diz respeito a todos os cidadãos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## O CRISTIANISMO NA ULTRAMODERNIDADE

### Entrevista com Jean-Paul Willaime

*“É porque o cristianismo distingue o espiritual do temporal que sua história é marcada pelas tensões e conflitos entre esses dois poderes. É incontestável que existem raízes cristãs na secularização e que o cristianismo contribuiu para a autonomização das diversas esferas de atividades humanas em relação às instituições religiosas e suas pretensões de poder (mais uma vez, isso não se fez sem choques e dificuldades)”. Essa é a afirmação de Jean-Paul Willaime, diretor de estudos da seção de Ciências Religiosas, na École Pratique des Hautes Études, na França. Em entrevista concedida, por e-mail, ao **IHU On-Line**, o pesquisador afirma que diante de uma modernidade triunfante conduzida pelas ideologias do progresso, pode-se pensar que quanto mais a modernidade avançava, mais o religioso recuava. “Hoje, nós estamos numa outra situação na qual a modernidade desmistificadora se encontra ela própria desmistificada, o que chamo de ultramodernidade. Diante de uma ultramodernidade que pode descarrilar, chegando a questionar os próprios ideais dos quais ela foi condutora, em particular dos direitos fundamentais, diante de uma ultramodernidade que pode sacrificar o futuro no presente, as religiões constituem recursos de sabedoria e de ética dos quais se está redescobrando a pertinência pública”, afirma Willaime. O professor pesquisa o mundo sociológico protestante contemporâneo na sua diversidade (luteranos, reformados, batistas, pentecostais...) e em seus aspectos geográficos (Europa e outros continentes); os cristãos ecumênicos (católicos e protestantes, particularmente); a evolução das religiões e o religioso nas sociedades ocidentais; e sociologia das religiões: história, teorias e métodos. Entre suas principais publicações, citamos os livros **La précarité protestante. Sociologie des protestantismes contemporains**. Genebra: Labor et Fides, 1992; **Sociologie des religions**. 2. ed. Paris: PUF, 1998; e **Sociologies et religion. Approches classiques**. Paris: PUF, 2001 (com Danièle Hervieu-Léger).*

**IHU On-Line**- Que distinção o senhor estabelece entre os aspectos institucionais e os culturais da secularização?

**Jean-Paul Willaime**- A secularização, sob o ponto de vista institucional, diz respeito às relações Igrejas-Estado, mais amplamente, as relações entre as Igrejas e as instituições públicas. O aspecto mais importante é a separação Igrejas-Estado, ou seja, a autonomia respectiva do político e do religioso e tudo no que ela implica (neutralidade do Estado, implicando o tratamento igual das pessoas, sejam quais forem suas opções religiosas ou filosóficas, liberdade de consciência e de religião, incluindo a liberdade de não se ter religião). A secularização institucional é um processo histórico no qual se viu desenvolver a autonomização de diferentes instituições e esferas de atividades em relação ao religioso nos campos econômico, político, educativo, médico, social e cultural. Os aspectos culturais da secularização se referem às atitudes e às representações dos indivíduos e dos povos no campo religioso. A



secularização institucional não está necessariamente ligada a uma forte secularização cultural, ainda que haja ligações entre esses dois aspectos. Assim, uma sociedade na qual existe separação das Igrejas e do Estado, pode continuar muito religiosa em relação à sua vida social e cultural e no que tange às práticas e representações dos indivíduos. Um exemplo clássico desse caso é os Estados Unidos. Ao contrário, sociedades nas quais não existe separação das Igrejas e do Estado podem ser muito secularizadas no plano sociocultural: é o caso de países da Europa do Norte como a Dinamarca e a Noruega.

***IHU On-Line- Como o cristianismo e a secularização, de ambas as partes, podem ter contribuído para evitar excessos na história da humanidade?***

**Jean-Paul Willaime-** Mesmo se a história do cristianismo mostra que existiram inúmeras interferências, comprometimentos e mesmo confusões entre o poder temporal e o poder espiritual, consta que esta religião foi e é condutora de um princípio fundamental de distinção entre o espiritual e o temporal (“a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”). É porque o Cristianismo distingue o espiritual do temporal que sua história é marcada pelas tensões e conflitos entre esses dois poderes. É incontestável que existem raízes cristãs na secularização e que o cristianismo contribuiu para a autonomização das diversas esferas de atividades humanas em relação às instituições religiosas e suas pretensões de poder (mais uma vez, isso não se fez sem choques e dificuldades). A secularização é um bem precioso, pois a autonomia entre religião e política é uma regra fundamental na democracia. Pela autonomia, a política protege a sociedade das tentações teocráticas das religiões, sua propensão a querer construir a cidade de Deus sobre a terra, regendo as sociedades e as consciências segundo seus princípios. Pela autonomia, o religioso protege igualmente o político contra suas tentações absolutistas e o risco do totalitarismo. A tensão entre religião e política é fecunda, pois ela é benéfica tanto para o religioso quanto para o político. Graças ao político e à autonomização do direito, pôde-se dissipar na Europa as intolerâncias religiosas. Quanto ao cristianismo, é interessante constatar hoje o papel positivo que ele desempenhou na saída do totalitarismo de sociedades vítimas do comunismo. Atualmente, as igrejas cristãs estão à frente do combate pelo respeito dos direitos humanos fundamentais.

***IHU On-Line- Em que consiste o divórcio entre as representações e as organizações religiosas? Como se apresentam os laços que vinculam as crenças às comunidades e às instituições?***

**Jean-Paul Willaime-** As próprias igrejas são trabalhadas pela secularização e pode-se falar de uma secularização interna do cristianismo. Dito de outra forma, a individualização e a subjetivação penetraram as próprias consciências religiosas que recusam a imposição das verdades de forma autoritária e obrigatória. A consciência religiosa reivindica sua liberdade e pratica um exame livre. Tanto na forma de se reportar a uma verdade religiosa como na forma de vivê-la socialmente, as coisas evoluíram. Há uma revolução na forma de ser religioso que é contrária àquela de matar em nome das religiões (que infelizmente continua em vários países). Essa revolução consiste na abertura das consciências religiosas a uma percepção positiva da pluralidade das religiões. O Brasil, nesse ponto de vista, é uma terra de eleição na mesma proporção em que o encontro e o hibridismo de sensibilidades espirituais diversas é forte. Isso não tende, necessariamente, ao relativismo e ao consumismo religioso como se escolhêssemos uma religião e a mudássemos conforme gostos e aspirações. Isso existe certamente, mas há também evoluções que mostram que as consciências religiosas aprendem, pouco a pouco, a conjugar sua identificação religiosa com o fato incontestável de que existem várias religiões e, no próprio interior de uma religião, várias formas de compreendê-la e de assumi-la. As



pesquisas efetuadas na Europa mostram que hoje, poucas pessoas estimam que sua religião é “a única verdadeira”, mas que há “verdades em todas as religiões”. Quanto à forma de viver socialmente a religião, ela está mais flexível. As pessoas se sentem menos vinculadas à residência eclesial, sua participação vai variar em intensidade e em estilo segundo sua trajetória. Atualmente, se pertence menos a uma instituição religiosa e se participa de forma mais ou menos regular das atividades que ela propõe. A sociabilidade religiosa se desenvolve em redes de afinidades, ultrapassando as inscrições locais.

***IHU On-Line- Como se apresenta, na experiência religiosa, a dimensão individual e comunitária? E como isso se reflete na sociedade em geral?***

**Jean-Paul Willaime-** As evoluções descritas anteriormente não significam que a individualização resultaria no desaparecimento das comunidades religiosas ou, quem sabe, em seu enfraquecimento. Essas evoluções provocam, na realidade, reações tradicionalistas, tanto no mundo católico como no mundo protestante, que manifestam uma preocupação de reortodoxização e de afirmações fortes das identidades confessionais. A conjuntura religiosa atual é, dessa forma, também marcada pelo ressurgimento de integristas e de fundamentalismos. Mas seria um erro focar-se somente nestas tendências radicais. Várias formas de um cristianismo de convicção, que articulam militância pessoal, individualização e senso comunitário, se reafirmam hoje. É o que chamo de individualismo comunitário, ou seja, a participação dos indivíduos em grupos e redes convencionais que, tendo uma forte identidade comunitária, permitem às pessoas viver sua religião individualmente ao mesmo tempo que estão conectadas a assembleias que as integram socialmente. É o que se observa, principalmente, na esfera do protestantismo evangélico. Na sociedade global, o ressurgimento de um cristianismo de conversão aparece congruente à secularização. Não se trata mais de reconquistar o poder perdido das igrejas sobre a sociedade e os indivíduos (mesmo que essas tendências também existam), mas de desenvolver sua mensagem e sua ação em sociedades secularizadas e pluralistas visando antes aos indivíduos. É um modo de desdobramento das convicções religiosas que toma partido da secularização. É nesse sentido que eu digo que a perda efetiva de poder do cristianismo e sua própria renúncia ao poder é a condição de possibilidade de uma nova pertinência social de sua mensagem.

***IHU On-Line- O que o cristianismo poderia dizer ainda ao ser humano contemporâneo, com seus problemas e suas aspirações mais agudas?***

**Jean-Paul Willaime-** O cristianismo constitui um recurso simbólico muito rico, podendo permitir aos indivíduos de inscreverem suas vidas num horizonte de sentido e de esperança, vivendo plenamente suas vidas de homens ou de mulheres de seu tempo. Quatro dimensões me parecem essenciais: 1) assumir uma identidade, em particular cristã, permite aos indivíduos constituírem-se como atores, como sujeitos de suas existências e de suas histórias (a identidade cristã como recurso de motivações e de ação); 2) a dimensão ética, o laço muito forte estabelecido pelo cristianismo entre sua mensagem de sentido e de esperança e a preocupação do mais pobre e da dignidade de cada ser humano; 3) a dimensão universal, a preocupação, declinando sua própria identidade religiosa, do humano, do homem além das diferenças de cultura, de línguas, de religiões. 4) o respeito e a promoção do laicismo, a saber, a renúncia ao clericalismo e a aceitação do contexto secularizado e pluralista das sociedades.

***IHU On-Line- Em que sentido a chegada da modernidade ajudou a religião a melhor compreender seu lugar no mundo, e o ser humano a encontrar uma legitimação baseada nele mesmo?***

**Jean-Paul Willaime-** Diante de uma modernidade triunfante conduzida pelas ideologias do progresso, pode-se pensar que quanto mais a modernidade avançava, mais o religioso recuava. Hoje, nós estamos numa outra situação na qual a modernidade desmistificadora se encontra ela própria desmistificada, o que chamo de ultramodernidade. Se a modernidade consistiu em mudanças e certezas, a ultramodernidade consistiu em mudanças e incertezas. No regime ultramoderno da incerteza e do risco (ecológico, econômico, político, científico...), se está na mesma condição de redescobrir a contribuição civilizacional das religiões. Diante de uma ultramodernidade que pode descarrilar, chegando a questionar os próprios ideais dos quais ela foi condutora, em particular dos direitos fundamentais, diante de uma ultramodernidade que pode sacrificar o futuro no presente, as religiões constituem recursos de sabedoria e de ética dos quais se está redescobrimo a pertinência pública.

**IHU On-Line-** O senhor gostaria de acrescentar alguma outra questão que julga importante?

**Jean-Paul Willaime-** Minhas análises se inspiram nas de Anthony Giddens<sup>1</sup>, Ulrich Beck<sup>2</sup> e Jürgen Habermas<sup>3</sup>. Publiquei, ultimamente, uma obra na qual faço considerações sobre a Europa: *Europe et religions. Les enjeux du XXI ème siècle*. Paris: Fayard, 2004.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"DEUS É PROJETO, E NÓS O ENCONTRAMOS QUANDO TEMOS A FORÇA PARA PROJETAR..."

**Entrevista com Gianni Vattimo**

O filósofo italiano Gianni Vattimo acredita que, para o cristianismo, esta seja uma grande ocasião para descobrir que não pode mais, como no passado, fazer parte da conservação da ordem social. "Talvez tenha verdadeiramente terminado, hoje, a idade de Constantino, aquela longa época na qual o cristianismo, mesmo com as melhores intenções, sentiu-se no dever de sustentar a ordem constituída, para defender os fracos, para evitar maiores problemas", disse. Em entrevista, por e-mail, ao **IHU On-Line**, o professor de Filosofia na Universidade de Turim afirmou que o cristianismo deve ser anárquico no sentido literal, rejeitar a submissão aos "princípios" - lei natural, lei de mercado, leis da Igreja - que são sempre máscaras do autoritarismo e da violência. Considerado um dos maiores filósofos europeus, é autor de inúmeros livros, entre os quais destacamos **La fine della modernità. Nihilismo ed ermeneutica nella cultura post-moderna: un significativo contributo all'attuale dibattito filosofico** (1985) (*Fim da Modernidade. Niilismo e*

<sup>1</sup> Anthony Giddens, sociólogo inglês, foi diretor da "London School of Economics and Political Science" (LSE). Giddens é autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985 foi co-fundador da "Academic Publishing House Polity Press". É também conhecido como o mentor da idéia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos **As Conseqüências da Modernidade**. Oeiras: Celta, 1992; **Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber**. Lisboa: Editorial Presença, 1994; **Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor, e Erotismo nas Sociedades Modernas**. Oeiras: Celta Editora, 1996. (Nota do **IHU On-Line**).

<sup>2</sup> Ulrich Beck é sociólogo alemão da Universidade de Munique. Autor de **A sociedade do risco**. Beck argumenta que a sociedade industrial criou muitos novos perigos de risco desconhecidos em épocas anteriores. Os riscos associados ao aquecimento global são um exemplo. O livro mais recente de Ulrich Beck é **Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation**. Paris: Aubier. 2003. Publicamos uma resenha do livro de Ulrich Beck, **Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation** (Poder e contra-poder na era da mundialização). Paris: Aubier, 2003, escrita por Christian Chavagneux, no **IHU On-Line** número 84, de 17 de novembro de 2003. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> Crítico da doutrina positivista e da ideologia dela resultante, o tecnicismo, o filósofo alemão Jürgen Habermas é um dos mais ilustres representantes da segunda geração da Escola de Frankfurt. (Nota do **IHU On-Line**)

**hermenêutica na cultura pós-moderna: uma contribuição significativa ao atual debate filosófico**, São Paulo: Martins Fontes, 1996), **Il pensiero debole** (Pensamento fraco, não traduzido para o português), **Credere di Credere** (1996) (**Acreditar em Acreditar**. Lisboa: Relógio D'água, 1998); a tradução francesa intitula-se **Espérer Croire**, Paris: Seuil, 1998) **La Religion: séminaire de Capri** (em colaboração com Jacques Derrida), Paris: Seuil, 1996. Também escreveu **Dopo la cristianità. Per un cristianesimo non religioso**, Roma: Garzanti, 2002. (Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro: Record, 2004). O último livro citado e o **Credere di Credere** foram tema de uma oficina ministrada no **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**, realizado na Unisinos em maio deste ano. É também autor de **Nihilismo ed emancipazione. Etica, politica, diritto**. Milano: Garzanti, 2003; e **Il socialismo ossia l'Europa**. Torino: Trauben, 2004. O filósofo organizou a **Garzantina di Filosofia**. Nova edição. Milano: Garzanti, 2004, que contém uma seção dedicada às 300 obras fundamentais do pensamento humano. Sobre essa obra Vattimo concedeu uma entrevista que reproduzimos na 121ª edição, de 1º de novembro de 2004. Dele também publicamos um artigo no **IHU On-Line** número 53, de 31 de março de 2003 e outro no número 80, de 20 de outubro de 2003. O filósofo concedeu uma entrevista exclusiva ao **IHU On-Line** na 88ª edição, de 15 de dezembro de 2003, sob o título **O cristianismo é a religião da pós-modernidade**.

**IHU On-Line- Como caracterizaria o novo cenário político mundial? Como o cristianismo pode se ver modificado por este novo cenário?**

**Gianni Vattimo-** Acredito que, para o cristianismo, esta seja uma grande ocasião para descobrir que não pode mais, como no passado, fazer parte da conservação da ordem social. Talvez tenha verdadeiramente terminado, hoje, a idade de Constantino, aquela longa época na qual o cristianismo, mesmo com as melhores intenções, sentiu-se no dever de sustentar a ordem constituída, para defender os fracos, para evitar maiores problemas. Hoje - com Bush e a globalização capitalista desencadeada - a ordem constituída se revela somente como um modo para manter os privilégios e, principalmente, para destruir as reservas do Planeta. Não há mais disfarce possível; sem violência, a Igreja deve estar ao lado dos fracos, e, assim, ao lado da humanidade como tal. É verdade que hoje, de um modo diferente de como pensava Marx, a essência "genérica" do homem está nos proletários, isto é, nos pobres que, muito mais do que os ricos, estão em condições de defender o futuro do mundo. Os ricos têm interesses a curto prazo, são como aqueles que dançavam no convés do Titanic enquanto ele afundava; assim, hoje, Bush e os seus aliados não se preocupam com o destino do mundo, com a poluição do ar, com o desaparecimento da água potável. As suas multinacionais devem produzir lucros em curto prazo para os seus acionistas.

**IHU On-Line- Frente a uma tendência de corrosão das instituições, quais são os caminhos mais prováveis para o cristianismo? Que vai acontecer com as instituições?**

**Gianni Vattimo-** Torna-se cada vez mais claro que o cristianismo deve ser anárquico. Certo que não no sentido do anarquismo do início do século XX - bombas e atentados contra os reis. Anárquico no sentido literal, rejeitar a submissão aos "princípios" - lei natural, lei de mercado, leis da Igreja - que são sempre máscaras do autoritarismo e da violência. Pregar a liberdade: por exemplo, aplicar o procedimento do consenso e da discussão em todos os campos da vida social: não como acontece hoje na bioética, com a submissão a uma autoridade (Papa, Estado) que pretende falar em nome da verdade. As instituições não podem ser totalmente abolidas, mas é necessário multiplicar as sedes de decisão democrática, de deliberação coletiva. Nesse sentido, vale a pena desenvolver, cada vez mais, a vida das comunidades.

**IHU On-Line- Que caminhos o senhor prevê para o cristianismo? Que lugar terão as religiões numa construção real e efetiva de um planeta em paz?**

**Gianni Vattimo-** As religiões, entre elas a cristã, têm hoje como principal tarefa mostrar que o destino da alma, do indivíduo, está além da história e da realidade cotidiana. Na vida social, na política, de trabalho, NÃO está em jogo a minha salvação - portanto, nada de fanatismos, nada de guerras religiosas, somente e, principalmente, caridade para os nossos semelhantes. A paz não se constrói sobre idéias "fortes", mas sobre tolerância e capacidade de desprendimento da *hybris*<sup>4</sup>, que, ao invés, caracteriza a vontade de sobrevivência a todo custo...

**IHU On-Line- Por que a pós-modernidade pode ter características que ajudem a viver o cristianismo com toda a sua intensidade?**

**Gianni Vattimo-** Acredito que isso aconteça, porque a modernidade nos faz viver mais em contato com "todo" o mundo. Comunicações, televisão, viagens: é nas modernidades que nos tornamos "homens" no sentido universal do termo. O meu próximo, aqui, é qualquer um.

**IHU On-Line- Como poderia descrever o espaço que paradoxalmente, "a morte de Deus" e a secularização tem aberto para a religião?**

**Gianni Vattimo-** Morte de Deus significa morte dos ídolos. Portanto, é somente com a morte do Deus metafísico, guardião das leis da natureza, fiador da matemática (e dos comércios que se fazem também à base do cálculo) que podemos nos transformar em religiosos, abrir um diálogo com Deus, seja lá o que Ele for, além da pura aceitação admirada da ordem do mundo. Deus é a desordem do mundo, é aquele que nos chama a não considerar como definitivo nada disto que já está aqui. Deus é projeto, e nós o encontramos, quando temos a força para projetar...

**IHU On-Line- Como aparecem, em suas formulações, o pensamento paulino como resgate do homem e a recuperação da temporalidade escatológica como possibilidade de futuro?**

**Gianni Vattimo-** Parece-me que a resposta precedente possa valer aqui. A escatologia cristã é a idéia de que o sentido da vida está sempre lá, por vir, e que nós estamos comprometidos em construí-lo. Não sozinhos, certamente, mas à base de mensagens, exemplos, da salvação que "já" veio, mas que está sempre ainda a realizar-se completamente.

**IHU On-Line- Em que sentido o senhor se considera um continuador de Nietzsche<sup>5</sup> e de Heidegger? Que aspectos desses filósofos resgataria de modo especial?**

**Gianni Vattimo-** Nietzsche e Heidegger são os críticos mais radicais da idéia metafísica do ser como aquilo que é já sempre e que necessariamente será. O cristianismo é a doutrina de um Deus que cria, e também SE cria junto a nós e à nossa história. Para Nietzsche, o "super-homem" é o novo homem que sabe viver no mundo do ser como anúncio e projeto, e não como

<sup>4</sup> Hybris, termo grego que dá origem ao termo híbrido, cuja etimologia remete a ultraje, correspondendo a uma miscigenação ou mistura que violava as leis naturais. Híbrido é também o que participa de dois ou mais conjuntos, gêneros ou estilos. Considera-se híbrida a composição de dois elementos diversos anormalmente reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas. A pós-modernidade, ao trazer à tona o conceito de híbrido, enfatiza, acima de tudo, o respeito à alteridade e à valorização do diverso. Híbrido, ao destacar a necessidade de pensar a identidade como processo de construção e desconstrução, estaria subvertendo os paradigmas homogêneos da modernidade, inserindo-se na fluidez da pós-modernidade e associando-se ao múltiplo e ao heterogêneo. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> Ao filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi dedicado o tema de capa da edição 127 do *IHU On-Line*, em 13 de dezembro de 2004. (Nota do *IHU On-Line*)

certeza de uma necessidade já sempre dada, que deveria somente aceitar. O mesmo vale para o conceito de ser como "evento" em Heidegger.

***IHU On-Line- Quais são os principais problemas éticos que se apresentam ao homem e à mulher contemporâneos?***

**Gianni Vattimo-** Saber construir uma ética que não tenha necessidade de fundamentos absolutos; uma ética do amor (Deus me chama, como Jesus quando encontra o jovem rico), e não da lei escrita nas essências. Isso é indispensável no mundo pós-moderno das pluralidades das culturas. Sem esta capacidade - de viver no não-fundamento, somente por amor - alguém procurará sempre reencontrar um fundamento "verdadeiro", aquele da sua verdade (da sua fé, da sua comunidade, da sua raça) em nome da qual será, cada vez mais, levado a lutar violentamente contra os outros, os diferentes, os infiéis...

***IHU On-Line- O que há depois da cristandade?***

**Gianni Vattimo-** Há uma religião verdadeiramente cristã, sem dogmas (Deus, o chamamos pai, mas podemos também chamá-lo mãe; os padres são homens, mas poderiam ser também mulheres), fundada na fé e na esperança de que com a caridade se realiza verdadeiramente o reino de Deus, começando por este mundo. Além disso, a mentalidade católica, no mundo sem fronteiras em que vivemos hoje, também não pode mais julgar que quem esteja fora da Igreja romana não se salvará. O verdadeiro ecumenismo cristão se realizará quando o próprio cristianismo compreender que deve abater as barreiras que ele mesmo criou - e que o pontificado atual parece querer cada vez mais solidificar: aqui nós, cristãos, lá, o Islã malvado; aqui os normais, lá, os gays e os diferentes. A tarefa dos cristãos não é converter os outros e fazê-los tornarem-se como nós; mas começar a liquidar a própria (pretensão de) identidade, para acolher a todos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

**"A FÉ CRISTÃ É DE NATUREZA EXISTENCIAL E MÍSTICA, COM IMPLICAÇÕES ÉTICAS E SOCIAIS"**

**Entrevista com Gérard Donnadieu**

*"Ao contrário da idéia usual, o cristianismo não está em declínio no mundo. Não é preciso ver o mundo à luz da situação européia e particularmente francesa que constitui verdadeiramente um caso singular: "a exceção francesa"!", afirma Gérard Donnadieu em entrevista por e-mail ao **IHU On-Line**. Engenheiro de Artes e Ofícios, Donnadieu é doutor em ciências físicas. Foi discípulo, nos anos 1970, do grande economista François Perroux. Membro do Conselho Econômico e Social durante cinco anos. Foi também professor na Universidade Panthéon-Sorbonne, em Paris, ensinando gestão de recursos humanos. É atualmente secretário geral da Associação Francesa de Ciência dos Sistemas (AFSCET). Interessado pelas ciências religiosas e pelo pensamento sistemático, obteve, nos anos 1990, um diploma em Teologia e uma habilitação doutoral. Desde 1999, ensina a disciplina de Teologia das Religiões na École Catedral de Paris. Suas principais obras são: **Jalons pour une autre économie**. Paris: Centurion, 1978; **Du salaire à la rétribution, pour une nouvelle approche des rémunérations**. Paris: Liaisons, 1990 (reeditado em 1993 e em 1997); **Manager avec le social**. Paris: Liaisons, 1997; e **La Systémique, penser et agir dans la complexité** (com Michel Karsky). Paris: Liaisons, 2002. Além da entrevista, Donnadieu enviou ao **IHU On-Line** dois textos que serão publicados, no início de 2005, nos **Cadernos IHU Idéias**. São eles: "Généalogie de la religion. Essai de lecture systémique de Marcel Gauchet. Application à la situation actuelle du monde" (Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo) e «Religion et lien social. Le cas du christianisme »(Religião e laço social. O caso do cristianismo).*

**IHU On-Line- Qual o lugar que tende a ocupar o cristianismo no século XXI?**

**Gérard Donnadiou-** Ao contrário da idéia usual, o cristianismo não está em declínio no mundo. Não é preciso ver o mundo à luz da situação européia e particularmente francesa que constitui verdadeiramente um caso singular: “a exceção francesa”! Além dela, em toda a parte, o cristianismo está em expansão, mesmo se isso ocorre por meio das “seitas” evangélicas e pentecostais, e não pelas igrejas instituídas. Bem mais que todas as outras tradições religiosas, o cristianismo se encontra em fase de envolvimento com a mundialização e a nova cultura emergente (insistência posta na pessoa antes que no coletivo, importância dada à relação, plasticidade de seus ritos e lugar dado à interpretação, etc.).

**IHU On-Line- Para a construção da pessoa e a construção de um outro mundo alternativo ao atual, a religião é ou não é importante? Como você vê isso e como você acompanha o debate que desenvolvem atualmente, entre outros, autores como Luc Ferry e Marcel Gauchet<sup>6</sup>?**

**Gérard Donnadiou-** Parece-me que se começa a sair, mesmo na França, do debate arcaico entre religião e laicidade, Igreja e Estado. Por sua simpatia em face da religião e particularmente do cristianismo, Luc Ferry e Marcel Gauchet que, aliás, se declaram agnósticos, são reveladores dessa nova atitude. Eles já não vêm mais, na religião, “o ópio do povo” ou a “neurose da humanidade”. É preciso dizer que, ao mesmo tempo, a Igreja Católica realizou, por meio do Concílio Vaticano II, cujos ensinamentos começam a passar para a base, uma imensa transformação. O que importa, então, é que cada cidadão possa exprimir sua convicção (eventualmente derivada de sua fé religiosa), fazendo-a valer pelo debate democrático. Eu penso que, em sua maioria, o cristianismo saiu da ilusão da “encomenda direta”, segundo a qual a lei divina, expressa pela Igreja, determina diretamente a lei civil (eu não diria a mesma coisa do Islã!). Parece-me que é isso que quer significar Marcel Gauchet com seu conceito de “saída da religião”. Para explicar essas afirmações, ver meu estudo *Religion et lien social* [Religião e elo social].

**IHU On-Line- Como se pode combinar a busca de uma autonomia moral, própria da pós-modernidade, com valores de convivência com a diversidade, respeito até dar a vida pelo outro, que são próprios do cristianismo?**

**Gérard Donnadiou** -A sociedade pós-moderna (ver no estudo anteriormente citado a definição que eu lhe dou) é caracterizada pela autonomia da pessoa que tende a exacerbar-se em individualismo radical. Além disso, a contra-cultura dos anos 1970, da qual nossa *intelligentsia* continua tributária (sobretudo na França) exaltou o desejo e a recusa da autoridade (“é proibido proibir”). As variações mortíferas que se observam hoje em dia no Ocidente não parecem realçar esta cultura libertária e hedonista. Mas eu creio que esta cultura, cujo ponto final é o niilismo, está atualmente em vias de esgotamento. Da mesma forma que, na nossa relação com a natureza (ecologia), não se zomba eternamente do princípio de realidade. Os fundamentais antropológicos vão retornar à superfície, mesmo que seja quando se tornarem perceptíveis os

---

<sup>6</sup>Ferry e Gauchet são filósofos franceses, autores do livro *Le religieux après la religion* (O religioso após a religião). Paris: Grasset. 2004. Luc Ferry foi ministro da Educação na França, autor de *O que é uma vida bem-sucedida*. São Paulo: Difel, 2004. Com André Comte-Sponville escreveu *A sabedoria dos modernos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Marcel Gauchet é autor do livro *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard. 1985. Também é dele o recente *La condition historique*. Paris: Stock, 2003. Marcel Gauchet acaba de publicar (outubro de 2004) o livro *Un monde désenchanté?*. Paris: L’atelier. 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

desgastes de alguns de nossos comportamentos (eu penso, em particular, no casamento homossexual com adoção de filhos). Pode ser, então, que se agradeça à Igreja ter ela exercido um papel de vigia.

***IHU On-Line- A dimensão religiosa do ser humano é antropológica ou histórica?***

**Gérard Donnadiou** - Para mim a dimensão religiosa é claramente antropológica, antes que histórica. Eu estou tentado a dar a mesma resposta que Mircéa Eliade<sup>7</sup>: “O *homo religiosus* representa o homem total. A ciência das religiões deve, conseqüentemente, tornar-se uma disciplina total”.

***IHU On-Line- Liberdade, igualdade e fraternidade são aspirações anteriores à democracia. Como as religiões em geral e particularmente o cristianismo podem enriquecer a democracia?***

**Gérard Donnadiou** - Esta relação existe naturalmente (ver a este respeito meu estudo *Religion et lien social*). Mas, no que se refere ao cristianismo, ela é bem outra coisa do que uma moral com finalidade social. Eu lembrarei a expressão de H-J Gagey<sup>8</sup>, decano da Faculdade de Teologia de Paris: “um cristianismo reduzido aos seus valores é um cristianismo já morto”. A fé cristã é, em primeiro lugar, de natureza existencial e mística... com implicações éticas e sociais.

***IHU On-Line- O que as religiões e o cristianismo ainda podem dizer aos problemas de nossos contemporâneos?***

**Gérard Donnadiou**- “O homem não vive só de pão”. Parece-me que há em muitos de nossos contemporâneos uma imensa sede espiritual que eles crêem não poder mais encontrar nas religiões tradicionais. É por isso que eles se interessam pelo zen, o tantrismo, a meditação transcendental,... quando eles não se perdem nas seitas.

***IHU On-Line- O que você entende por ultramodernidade e qual seria o papel da religião na ultramodernidade?***

**Gérard Donnadiou** -Ver meu estudo (seção 2) sobre *Religion et lien social*. A ultramodernidade é o prolongamento da modernidade, da qual um certo número de princípios (o individualismo, o livre exame, o debate, etc.) são levados ao seu grau máximo... até a insensatez.

***IHU On-Line- Como a sociedade de mercado influencia a religião e como se poderia esperar a influência inversa?***

---

<sup>7</sup> Mircéa Eliade (1907- 1986), escritor e filósofo romeno, uma das maiores autoridades no estudo das religiões. Estudou a linguagem dos símbolos, usada em todas as religiões para chegar às origens, que se situam sempre no sagrado. Em 1928, obteve seu *Masters of Arts* em Filosofia na Universidade de Bucareste. Estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá (1928-1931) e morou em um Ashram em Rishikesh, Himalaia. Em 1933, volta à Universidade de Bucareste e ganha o Ph.D. com o tema *Yoga: Essai sur les Origines de l'q Mystique Indienne*. Em 1945, lecionou na École de Hautes Études, na Sorbonne, e, em 1956, foi Prof. de História das Religiões na Universidade de Chicago. Foi também *Honoris Causa* em numerosas Universidades de todo o mundo. Premiado em 1977 pela Academia Francesa, recebeu a Legião de Honra. A interpretação essencial de Eliade para as culturas religiosas e a análise de experiência mítica caracterizavam suas obras. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>8</sup> O teólogo Henri-Jérôme Gagey é autor de *Une République des Religions.*, em colaboração com Guy Bédouelle, Jérôme Rousse-Lacordaire e Jean-Louis Souletie, Paris: Atelier, 2003. (Nota do *IHU On-Line*).



**Gérard Donnadiou** - Eu publiquei na revista *Futuribles*<sup>9</sup>, de janeiro de 2001 (nº 260), um artigo sobre esta questão. Minha tese: nós entramos na sociedade de "mercado do religioso". O inverso, isto é, uma sociedade em que a economia está inteiramente sob a influência da lei religiosa não me parece uma situação desejável: isso se chama de teocracia! A solução consiste em passar às pessoas o serem munidas cada uma de uma ética exigente, inspirada, por exemplo, em valores evangélicos.

#### **IHU On-Line- Quais são as religiões que permanecerão no tempo? E o que acontecerá com os movimentos religiosos?**

**Gérard Donnadiou**- Eu sou otimista em relação ao cristianismo que soube fazer, ao longo do século XX, uma fantástica evolução, notadamente sob a versão católica com o Vaticano II. Para o budismo, há chances, pois seu espírito corresponde a toda uma face da modernidade (uma desvantagem: ele desvaloriza demais o mundo). O Islã está em defasagem quase total com uma modernidade que nasceu fora dele. E ele está apenas num primeiro início de um *aggiornamento* que se anuncia extraordinariamente difícil. Os movimentos religiosos, saídos do cristianismo (seitas evangélicas e neopentecostais, renovação carismática católica), talvez fossem figuras de transição para tempos atormentados e para um cristianismo mais sereno (ver meu artigo de *Futuribles*). O futuro pode trazer-nos surpresas, mas é ainda muito cedo para nos pronunciarmos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS E O MELHOR HUMANISMO NÃO DEVEM PERMITIR A "MORTE DO HOMEM"**

### **Entrevista com Reyes Mate**

*"O debate não é entre laicistas e cristãos. Por mais que os bispos pretendem exigir que a moral do Estado seja a moral cristã, o debate não pode ser esse, porque, quando se fala de moral pública, precisa se reconhecer a autonomia da política. Esse é um debate falso. O debate é defender o homem, aquele tipo de homem que se faz perguntas kantianas: Que devo fazer? Que posso conhecer? Que me cabe esperar? Esse homem é solidário, responsável", defende o filósofo espanhol Reyes Mate, em entrevista concedida, por telefone, ao IHU On-Line, na semana passada. Segundo ele, na defesa desse homem, podem e devem coincidir as tradições religiosas e também o melhor humanismo. Reyes Mate é professor e pesquisador do Instituto de Filosofia de Madrid. Reyes Mate estudou em Paris, Roma, Münster e Madrid. Foi diretor do Instituto de Filosofia de 1990 a 1998. Pertence ao Conseil Scientifique du Collège International de Philosophie de Paris. Tem uma vasta obra publicada. Seus livros mais recentes são: **Memoria de Auschwitz. Actualidad moral y política**. Madrid: Trotta, 2003; **Por los campos de exterminio**. Barcelona: Anthropos, 2003. **Tolerancia y religión**, Barcelona: Anthropos, 2003. De Reyes Mates publicamos o artigo O outro da religião, na edição 127, de 13/12/2004.*

#### **IHU On-Line- Qual é o lugar do cristianismo no século XXI?**

**Reyes Mate**- Eu estou tentando colocar o debate sobre o cristianismo em um lugar diferente do qual atualmente se encontra. Discute-se se o cristianismo tem alguma coisa a dizer quando os

<sup>9</sup> <http://www.futuribles.com/> *Futuribles* pertence ao Centro independente de Estudo e Reflexão prospectiva sobre o mundo contemporâneo. Analisa quais são os elementos que realmente estruturam o presente e resultariam em futuros possíveis. Uma síntese desse artigo pode ser lida no boletim **CEPAT Informa** n. 86/2002 - Edição Especial "A Sociedade Pós-Secular. A religião após a religião". (Nota do *IHU On-Line*).

Estados legislam, por exemplo, sobre os matrimônios homossexuais, sobre a família, o divórcio, o aborto, sobre problemas de moral pública. Aqui há duas posições. De um lado, os representantes das sociedades leigas defendem a autonomia da política. Segundo eles, o Estado não tem que decidir sua moral com base na moral concreta dos cristãos, e sim levando em conta a pluralidade de morais que existem numa sociedade como é a moderna. Por outro lado, representantes da hierarquia católica pensam que a Igreja deve intervir e decidir essa moral pública. Esse debate me parece ser perigoso e inútil.

**IHU On-Line- Por que o debate por esse viés seria perigoso e inútil?**

**Reyes Mate-** É inútil porque há hoje uma indiscutível autonomia da política não só na hora de decidir leis como também em questões morais. Por esse lado, não há nada para fazer. Isso não significa que a religião não tenha um lugar público, não tenha um sentido na sociedade. Esse lugar está ali onde se discute o sentido do homem e as grandes linhas da sociedade. Ali está o sentido da religião.

**IHU On-Line- Como o senhor está acompanhando o debate entre Luc Ferry e Marcel Gauchet sobre o lugar do cristianismo?**

**Reyes Mate-** Esses dois autores são agnósticos<sup>10</sup> e, no entanto, estão definindo um lugar muito importante no debate sobre a religião contemporânea. Eles dizem que, apesar do processo de secularização, própria das sociedades modernas, o homem tem um sentido religioso. Quando afirmamos que o homem tem um valor absoluto, estamos dizendo algo que escapa à racionalidade habitual. Estamos dizendo que há um valor superior ao homem, pelo qual o homem está disposto a morrer, a lutar e inclusive a sacrificar sua própria autonomia. Penso que, neste momento, o debate é se esse tipo de homem ainda pensa e afirma que há valores superiores a ele mesmo pelos quais vale a pena lutar e morrer. Alguns pensam que é preciso acabar com esse tipo de homem. Esse homem que vem sendo construído ao longo dos últimos 25 séculos, seguramente é infeliz, porque colocou sobre suas costas uma responsabilidade absoluta, uma responsabilidade enorme, que o faz infeliz, e essa responsabilidade tem muito a ver com a tradição religiosa. Então é preciso acabar com esse homem e fazer dele um ser muito mais egoísta, mais centrado em sua finitude, mais tradicional, etc. Curiosamente, o último episódio dessa responsabilidade absoluta que o homem colocou sobre si mesmo, seriam os direitos humanos, último episódio de uma história do homem configurada com base nas grandes tradições religiosas. O debate de fundo de Ferry e Gauchet é se esse homem que construímos vale a pena ou não. Esse homem está profundamente ameaçado hoje por uma série de correntes contemporâneas que querem acabar com ele. Esse é o lugar preciso no qual deve circular o debate sobre a religião e o lugar preciso no qual a religião tem alguma coisa a dizer.

**IHU On-Line- O cristianismo teria, ao lado de outros grupos, então, um papel fundamental no debate sobre o tipo de ser humano e de sociedade que queremos construir?**

**Reyes Mate-** Sim. O debate não é entre laicistas e cristãos. Por mais que os bispos pretendem exigir que a moral do Estado seja a moral cristã, o debate não pode ser esse, porque, quando se fala de moral pública, precisa se reconhecer a autonomia da política. Esse é um debate falso. O debate é defender o homem, aquele tipo de homem que se faz perguntas kantianas:

---

<sup>10</sup> Trata-se do debate que resultou na publicação do livro Luc FERRY. Marcel GAUCHET. *Le religieux après la religion*. Paris: Grasset, 2004. A atualização diária da página do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) tem repercutido este debate. (Nota do IHU On-Line).

Que devo fazer? Que posso conhecer? Que me cabe esperar? Esse homem é solidário, responsável. Na defesa desse homem, podem e devem coincidir as tradições religiosas e também o melhor humanismo. O inimigo comum das tradições religiosas e do melhor humanismo é este pós-humanismo que quer acabar com esse tipo de homem. Quer que o homem seja um ser definitivamente voltado para si mesmo, finito, provisional, egoísta, não-solidário. Um pós-humanismo que quer acabar com os direitos humanos, que quer acabar com essa tradição de responsabilidade e eu acho que, nessa luta, os setores laicistas e crentes podem e devem coincidir, têm muito mais em comum que contra. Ambos têm em comum a defesa do homem e a luta contra um terceiro, que é diferente deles dois.

### **IHU On-Line- Quem são os maiores postuladores do pós-humanismo?**

**Reyes Mate-** Esse pós-humanismo é o que domina a sociedade. É o que fica subjacente à lógica capitalista, ao consumismo, no fundo domina a mentalidade contemporânea. Embora seus representantes sejam menos conhecidos, ou ainda não dominem a cena pública. Mas há nomes conhecidos como Peter Sloterdijk<sup>11</sup>, Enzensberger, o ensaísta alemão Martin Walzer e a todos esses que têm se chamado evocadores do polimitismo<sup>12</sup> que querem acabar com o monomito. Estão nesse mapa que seria a pós-modernidade, em que há muitas costuras, claro, mas detrás daqueles que negam o grande relato, há os que festejam não só a morte de Deus, mas também a morte do homem.

### **IHU On-Line- Como as religiões e o cristianismo, diante de um pós-humanismo globalizado podem contribuir para a defesa do humanismo?**

**Reyes Mate-** Primeiro, fazendo um diagnóstico da sociedade. O problema da sociedade não é o laicismo, e sim o nihilismo. Depois, encontrando aliados, uma série de referentes ou tradições de pensamento que vêm alertando há muito tempo, sobre este perigo do homem. Refiro-me a toda essa reflexão que tem se feito nos últimos 70 ou 80 anos sobre a importância da memória, especialmente da memória das vítimas na hora de interpretar a situação contemporânea. Todo esse esforço por pensar a política, a moral, a estética, e até a epistemologia da memória das vítimas. Desmascarar essa lógica contemporânea do triunfo, do sucesso, do dinheiro, pensando

<sup>11</sup> Nascido em Karlsruhe, em 1947, Peter Sloterdijk estudou Filosofia, germanística e história em Munique e Hamburgo. Autor de *Crítica da razão cínica*, que alcançou sucesso imediato, tornando-se o mais vendido livro de Filosofia na Alemanha, no último meio século. Além das obras editadas no Brasil — *A árvore mágica. O surgimento da psicanálise no ano de 1785, tentativa épica com relação à filosofia da psicologia*. Casa Maria Editorial, 1988, *Mobilização copernicana e desarmamento ptolomaico* (Tempo Brasileiro, 1992), *No mesmo barco. Ensaio sobre a hiperpolítica* (Estação Liberdade, 1999), Regras para o parque humano. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. (Estação Liberdade, 2000) —, publicou ainda, de uma extensa lista: *Der Denker auf der Bühne – Nietzsches Materialismus* [O pensador no palco – O materialismo de Nietzsche], 1986; *Weltfremdheit* [Desassossego do mundo], 1993; *Der starke Grund, zusammen zu sein. Erinnerungen an die Erfindung des Volkes* [O grande motivo de estarmos juntos: anotações sobre a descoberta do povo], 1998; *Luftbeben: An den Quellen des Terrors* [Aerotos: Nas fontes do terror], 2002. É autor da recente trilogia intitulada *Esferas*, cujo volume I é *Esferas I. Burbujas*. Madrid: Siruela, 2003, e o volume II é *Esferas II. Globos. Macrosferología*. Ediciones Siruela, 2003. O volume III, ainda não traduzido ao espanhol, intitula-se *Sphären III: Schäume, Pluralistische Sphärologie* (Esferas III: Espumas, Esferologia Pluralista). Frankfurt: Suhrkamp, 2003. De Peter Sloterdijk publicamos uma entrevista no *IHU On-Line* número 56, de 22 de abril de 2003, outra entrevista no número 47, de 16 de dezembro de 2002, e trechos de outra entrevista no número 25, de 8 de julho de 2002. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>12</sup> Para Reyes Mate, todo mito inclui poder, mas o próprio do polimitismo é a "divisão de poderes". Daí que só os mitos e não o mito seja garantia de liberdade. Quando se fala de monomito não se está pensando só no Deus abraâmico, mas também em sua versão secularizada: o mito do progresso, da filosofia da história ou da revolução. (Nota do *IHU On-Line*)

que ele traz benefícios a um maior número de setores da sociedade, sem se dar conta de tudo o que há de destruição, custo humano e social nesse avanço do progresso. Desmascarar a ideologia do progresso por causa das vítimas, recuperando a importância que tem o seu sofrimento na hora de interpretar lógica do progresso, que é a que domina nosso tempo, me parece importante. A religião tem que sair um pouco de si mesma, tem que, inclusive, reconhecer que aspectos fundamentais de sua própria herança têm sido cultivados em setores estranhos a ela mesma e, reconhecer, então, essa fraternidade e essa cumplicidade entre correntes e setores que lhe faria muito bem conhecer.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## CRISTÃOS E "CRISTIANISTAS"

### Entrevista com Rémi Brague

*Reproduzimos, a seguir, a entrevista com Remi Brague, realizada por Gianni Valente e publicada na revista 30 Giorni, versão portuguesa, Roma, n. 10, outubro 2004.*

Rémi Brague, professor de filosofia árabe da Sorbonne e também da Universidade Ludwig-Maximilian, de Munique, sempre gostou de usar as palavras de maneira criativa. Mas talvez não pensasse que um de seus geniais neologismos, escondido nas páginas de um livro escrito já há doze anos, pudesse fotografar com eficácia desarmante os termos da relação ocidental hoje tão debatidos, mesmo dentro da Igreja.

O livro **Europe. La voie romaine** - traduzido em quinze línguas, hoje já quase um clássico - foi escrito por Brague em 1992 para documentar sob um ângulo original e moderno a contribuição de Roma e da "romanidade" para o florescimento da civilização européia. Mas, naquelas páginas, quase *en passant*, o professor introduziu também a distinção que existe entre cristãos e "cristianistas"...

**Professor, comecemos desse ponto. O senhor define os cristãos como aqueles que acreditam em Cristo. Já os "cristianistas" são aqueles que exaltam e defendem o cristianismo, a civilização cristã...**

**Rémi Brague-** A palavra "cristianista" talvez não seja muito bonita. Mas não me desagrada tê-la proposto. Antes de mais nada, porque é divertida. E depois porque impele as pessoas a refletirem sobre o que queremos realmente. É claro que aqueles que defendem o valor do cristianismo e seu papel positivo na história me são mais simpáticos do que aqueles que o negam. Eu não pretendo certamente desencorajá-los. Até gostaria que fossem mais numerosos na França. E isso não porque sejam "aliados objetivos". Mas somente porque o que dizem é verdade. Portanto, obrigado aos "cristianistas". Eu só gostaria de lembrar a eles que o cristianismo não se interessa por si mesmo. Ele se interessa por Cristo. E o próprio Cristo não se interessa por seu eu: Ele se interessa por Deus, que chama de um modo único, "Pai". E pelo homem, ao qual propõe um novo acesso a Deus.

**Numa determinada valorização do cristianismo segundo uma interpretação ideológico-cultural, não se reapresenta a abordagem já manifestada nos tempos da *Action Française*?**

**Rémi Brague-** A *Action Française*, depois da Primeira Guerra Mundial, conseguiu atrair cristãos autênticos e inteligentes: Bernanos<sup>13</sup>, por exemplo. Mas a inspiração última do movimento era meramente nacionalista. A França havia sido plasmada pela Igreja. Por isso eles se diziam católicos, pois queriam ser cem por cento franceses. Seu principal pensador, Charles Maurras<sup>14</sup>, era um discípulo de Auguste Comte; admirava a clareza grega e a ordem romana. Declarava-se ateu, mas católico. A Igreja, para ele, era uma garantia contra "o veneno judeu do Evangelho". No fundo, era uma idolatria, em seu aspecto pior: pôr Deus a serviço do culto de si mesmo. Quer se trate do indivíduo, quer da nação, a substância não muda. E sempre é preciso sacrificar algo vivo aos ídolos, como a juventude européia, massacrada em Verdun ou em outros lugares.

**Há quem reprove, na Igreja, uma fraqueza ao sustentar certos conteúdos de verdade. Qual é a imagem da Igreja que agrada a eles?**

**Rémi Brague-** Para essa gente, a Igreja deve "defender certos valores", e não pode transigir sobre as regras morais. Mas eles mesmos as seguem? Nem sempre... Eles querem uma organização com uma linha firme, com um "número um" bem estabelecido. No final, eu me pergunto se não sonham com uma Igreja feita nos moldes do Partido Comunista da União Soviética.

**Discutem-se muito as raízes cristãs da Europa e, mais em geral, da civilização ocidental. Como o senhor julga a leitura que fazem dessa relação?**

**Rémi Brague-** O cristianismo não tem nada de ocidental. Veio do Oriente. Nossos avós se tornaram cristãos. Aderiram a uma religião que, no início, era estrangeira para eles. As raízes? Que imagem estranha... Por que considerar-se como uma planta? Na gíria francesa, "plantar-se" significa enganar-se, ou cometer um erro... Se quiserem raízes a todo o custo, então digamos como Platão: nós somos árvores plantadas ao contrário, nossas raízes não estão na terra, mas no céu. Nós somos enraizados naquilo que, como o céu, não pode ser agarrado, foge a qualquer posse. Não se podem fincar bandeiras numa nuvem. E nós somos também animais móveis. O cristianismo não está reservado aos europeus. É missionário. Acredita que qualquer homem tenha o direito de conhecer a mensagem cristã, que todo homem merece se tornar cristão.

**O senhor, em seus estudos e em seus livros, descreveu a relação inegável entre o cristianismo e a civilização européia. Como ela aconteceu, de verdade?**

**Rémi Brague-** A civilização da Europa cristã foi construída por gente cujo objetivo não era, de forma alguma, construir uma "civilização cristã". Nos a devemos a pessoas que acreditavam em Cristo, não a pessoas que acreditavam no cristianismo. Pensem no papa Gregório Magno. O que ele criou - por exemplo, o canto gregoriano - desafiou os séculos. Ora, ele imaginava que o fim do mundo fosse iminente. E, portanto, não teria havido nenhuma "civilização cristã", por falta de tempo. Ele queria apenas pôr um pouco de ordem no mundo, antes de deixá-lo. Como quando arrumamos a casa antes de sair de férias. Cristo não veio para construir uma civilização, mas para salvar os homens de todas as civilizações. A chamada "civilização cristã"

<sup>13</sup> Georges Bernanos (1888-1948) romancista, escritor e político católico francês. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>14</sup> Charles Maurras, (1862-1952) nacionalista, anti-semita e anti-republicano, o escritor e teórico político francês exerceu grande influência intelectual na Europa do início do século XX. Seu nacionalismo de direita antecipou algumas idéias do fascismo. (Nota do *IHU On-Line*).

nada mais é que o conjunto dos efeitos colaterais que a fé em Cristo produziu sobre as civilizações que se encontravam em seu caminho. Quando se acredita na Sua ressurreição, e na possibilidade da ressurreição de cada homem n'Ele, vê-se tudo de maneira diferente e se age em conseqüência disso, em todos os campos. Mas é preciso muito tempo para se dar conta e para realizar isso nos fatos. Por isso, talvez, nós estejamos apenas no início do cristianismo.

**O senhor, para descrever o caminho da civilização européia, usou uma fórmula original, a da "secularidade". O que pretendia sugerir com essa expressão?**

**Rémi Brague-** A expressão talvez seja mal arranjada, mas não encontrei uma melhor do que essa. Em meu livro *Europe. La voie romaine*<sup>15</sup>, eu a integro com outras fórmulas, como a da "cultura de inserção", em oposição às "culturas de digestão". Pretendo dizer apenas que o Novo Testamento vem depois do Antigo Testamento, e os romanos depois dos gregos. Isso não apenas no que diz respeito ao tempo, mas também no sentido de que aqueles que vinham depois percebiam sua dependência com relação ao que os precedia, que constituía um modelo. Os romanos fizeram coisas boas e ruins, como aconteceu a todas as civilizações. Mas é preciso atestar que eles se reconheceram culturalmente inferiores em relação aos gregos, e compreenderam que sua tarefa histórica era também difundir uma cultura que não era a deles. Ser "secundários" significa saber que o que se transmite não provém de si mesmos, e que é possuído de maneira frágil e provisória. Isso implica, entre outras coisas, que nenhuma construção histórica tem nada de definitivo. Deve ser sempre revista, corrigida, reformada.

**Alguns denunciam o "estilo de vida obscuro" do Ocidente, propondo as verdades cristãs como antídoto ao niilismo e ao relativismo que o adoecem. Como o senhor julga esses raciocínios?**

**Rémi Brague-** Contém uma parte de verdade. Se fossem totalmente falsos, ninguém os levaria em consideração. É verdade que estamos doentes. E os sintomas mais alarmantes podem ser chamados "relativismo" e "niilismo". Claro, eles têm algo de bom: tornam impossível a intolerância. Não é possível nem morrer nem matar em nome de algo em que só se acredita relativamente, ou no qual não se acredita absolutamente. O problema é que o niilismo não permite nem viver. Rousseau já o tinha visto bem: o ateísmo não mata os homens, mas impede que eles nasçam. Mas não há necessidade de cristianismo para combater o relativismo ou o niilismo. No fundo, não há mesmo necessidade de combatê-los: eles se anulam por si sós, como uma planta parasita que acaba por sufocar a árvore da qual vive, seguindo-a na morte. O cristianismo seria o antídoto a esses venenos? Eu poria duas questões. Uma de princípio. A outra puramente pragmática.

**Explique-se, professor.**

**Rémi Brague-** Antes de mais nada, temos o direito de fazer da fé um instrumento? Eu me pergunto também se é sempre justo falar de cristianismo. O sufixo pode ser percebido, erradamente, como designante de uma teoria, como outros "ismos": liberalismo, marxismo, etc. Santo Agostinho diz em algum lugar: o que existe de cristão entre os cristãos é Cristo. Ser cristão é estar em contato com uma pessoa. Ora, não se pode transformar uma pessoa num instrumento. A minha segunda pergunta é simples: se utilizar a fé como instrumento é

---

<sup>15</sup> *Europe la voie romaine*. Paris: Gallimard, 1999. É também autor de *La sagesse du monde - Histoire de l'expérience humaine de l'Univers*. Paris: LGF, 2002; e *Du temps chez Platon et Aristote*. Paris: Puf, 2003. (Nota do IHU On-Line)

permitido, é, por isso, factível? Funciona assim? Eu diria que sim. Mas não como certos fundamentalistas americanos, que quantificam os efeitos positivos da religião sobre a produtividade dos executivos! Já escrevi sobre isso em meu livro: a fé só produz efeitos quando continua a ser fé, e não cálculo.

#### **No debate sobre as raízes cristãs da Europa, o que o impressionou?**

**Rémi Brague-** No debate sobre a citação das raízes cristãs da Europa, eu gostaria de não dar razão nem aos "cristianistas" nem a seus adversários. Começemos por seus adversários. Eu diria a eles: "É preciso chamar as coisas pelo nome, e dizer que as duas religiões que marcaram a Europa são o judaísmo e o cristianismo, e nenhuma outra. Por que limitar-se a falar de herança religiosa e humanista?" Um professor de história não se contentaria com essa definição e escreveria em vermelho, na margem: "Vago demais, seja preciso!". O que me aborrece é o estado de ânimo que nisso se manifesta, ou seja, o impulso tipicamente ideológico de negar a realidade e reescrever o passado. E negar a realidade leva necessariamente a destruí-la. Ao mesmo tempo, eu diria aos "cristianistas": "Não é porque o passado foi o que foi que o futuro deva necessariamente se assemelhar a ele". A pergunta justa a se pôr é se a nossa civilização ainda tem o desejo de viver e de agir. E se, mais que cercá-la de barreiras de toda espécie, não seria melhor que lhe fosse doado novamente esse desejo. Para isso, é preciso beber da própria fonte da vida, da Vida eterna.

**Santo Agostinho, a quem lhe perguntavam por que Jesus ressuscitado não se manifestou também aos inimigos, de modo a eliminar qualquer dúvida quanto à realidade de Sua ressurreição, respondia que, para Jesus, "era mais importante ensinar a humildade a seus amigos que desafiar com a verdade a seus inimigos". O que sugeriria hoje Agostinho a quem fala do testemunho cristão em termos de desafio?**

**Rémi Brague-** Não nos enganemos sobre o que quer o Deus de Jesus Cristo. Não é o que *nós* queremos. O que ele quer não é esmagar seus inimigos, mas libertá-los do que os torna seus inimigos, ou seja, uma falsa imagem d'Ele, a de um tirano ao qual é preciso submeter-se. Ele, sendo livre, só se interessa pela nossa liberdade. Procura curá-la. Seu problema é montar um dispositivo que permita ver curada a liberdade ferida dos homens, de forma tal a poderem escolher a vida livremente, contra todas as tentações de morte que carregam por dentro. Os teólogos chamam a esse dispositivo "economia da salvação". Dela fazem parte as Alianças, a Igreja, os sacramentos, e assim por diante. O papel das civilizações é indispensável, mas não é o mesmo. E também seus meios são diferentes. Elas devem exercer uma certa coação, física ou social. Já a fé pode apenas exercer uma atração sobre a liberdade, pela majestade de seu objeto. Talvez se pudesse voltar ao que os papas diziam aos imperadores do Ocidente, a respeito da reforma gregoriana, no século XI: não compete a vocês a salvação das almas, contentem-se em realizar seu ofício da melhor maneira possível. Façam reinar a paz.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **HABERMAS E RATZINGER: OS FUNDAMENTOS MORAIS PRÉ-POLÍTICOS DO ESTADO DEMOCRÁTICO**

No dia 19 de janeiro de 2004, a Academia católica da Baviera, em Munique, organizou um debate entre o filósofo Jürgen Habermas e o cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. A maioria dos jornais alemães saudou este encontro, *a priori* improvável, entre o "guardião da ética da discussão" e o "guardião do dogma", entre um



filósofo da “era pós-metafísica” e o homem cuja função o coloca do outro lado do pensamento livre. O debate teve o seguinte tema: “Os fundamentos morais pré-políticos de um Estado liberal”.

Florian Schüller, diretor da Academia, explicitou o tema: “Uma sociedade que se compreende como pluralista, pode e deve conhecer e reconhecer as “ligações comuns” (a expressão de Ralf Dahrendorf), as obrigações comuns?” Ou, o direito positivo, os procedimentos e os princípios dos Estados democráticos são suficientes para garantir a solidariedade que deve reinar numa sociedade liberal? São eles os únicos critérios de uma sociedade justa? Em numerosas questões práticas, o direito positivo parece, hoje, se impor de fato, excluindo qualquer consideração ética, antropológica, histórica e, principalmente, religiosa ou metafísica.

No debate, Jürgen Habermas confirma o “discurso de Frankfurt” quando recebeu o prêmio da Paz, em 2001. A íntegra deste discurso pode ser lida em português no boletim **CEPAT Informa**, n.º 80/2002: em nome do pluralismo, uma sociedade secularizada e democrática deveria, na discussão pública, conceder às tradições religiosas reconhecidas, mais que um lugar devido unicamente à polidez ou à reverência por sua antiguidade; o que as religiões têm a dizer à sociedade e na sociedade não é menos importante e de menos valor do que o discurso da ciência ou do saber secular em geral.

Do outro lado, a revista **Esprit**, julho de 2004, que reproduz as duas conferências, ou seja, de J. Habermas e de J. Ratzinger, comenta que o discurso do prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé foi um discurso nuançado sobre o papel da idéia de natureza, determinante no discurso católico. Ratzinger fala mais do direito natural do que da natureza e fala da natureza como “razão” e não tanto como “substância”. Segundo a revista francesa, é importante ressaltar o que ele diz, de maneira surpreendente em relação à tradição católica recente, da “interculturalidade” e do “fato” da “não-universalidade das duas grandes culturas do Ocidente: a fé cristã e a racionalidade secular”.

Repercutindo esta discussão de alto nível e de grande importância, o jornal italiano **La Repubblica** publicou um dossiê sobre o tema que traduzimos e colocamos à disposição a seguir.

*Traduzimos e publicamos um artigo do jornal italiano **La Repubblica**, 21-11-04, que dá conta do debate europeu sobre o cristianismo na sociedade contemporânea.*

No Vaticano, estão sempre mais convencidos. Está havendo uma agressão sistemática do laicismo contra o cristianismo, tendo como epicentro a Europa e como alvo maior a Igreja de Roma. Numa entrevista ao diário **La Repubblica**, de 19 de novembro, o cardeal **Joseph Ratzinger** a descreveu assim:

“Estamos diante de um secularismo agressivo e, por vezes, até intolerante. [...] Na Suécia, um pastor protestante que havia pregado contra a homossexualidade com base num texto da Sagrada Escritura, foi encarcerado por um mês. O laicismo não é mais aquele elemento de neutralidade que abre espaços de liberdade para todos. Começa a transformar-se numa ideologia que se impõe por meio da política e não concede espaço público à visão católica e cristã, a qual corre, assim, o risco de tornar-se puramente privada e, no fundo, mutilada. Nós devemos defender a liberdade religiosa contra a imposição de uma ideologia que se apresenta como se fosse a única voz da racionalidade.”

Mas, é realmente tão inconveniente o encontro entre as razões da Igreja e as do pensamento laico, em nome de uma comum apreciação do cristianismo?

E é realmente tão evidente que tal encontro responda a interesses políticos e de poder?

Em pelo menos duas ocasiões recentes, dois altos expoentes da Igreja de Roma mostraram que o encontro entre fé cristã e pensamento laico não é um expediente ocasional e oportunista, mas um objetivo estratégico da própria Igreja em seus mais altos níveis e não só a partir de hoje.

Aos dezoito de novembro de dois anos atrás, falando a todos os bispos italianos reunidos, o cardeal Camillo Ruini invocou o filósofo hebreu Karl Löwith como apoio à tese segundo a qual é a fé no Homem-Deus Jesus Cristo o primeiro fundamento da dignidade do homem na civilização ocidental. Ruini leu uma passagem de um livro de Löwith de 1941, “De Hegel a Nietzsche. A fratura revolucionária no pensamento do século XIX” para admoestar que precisamente “com o enfraquecimento do cristianismo hoje também se tornou problemática a humanidade”.

Aos 25 de outubro passado, o cardeal Joseph Ratzinger, ao invés, convocou como próprio aliado “o filósofo considerado no mundo de língua alemã como o leigo mais puro”: Jürgen Habermas, expoente da célebre escola de Frankfurt.

Ratzinger é prefeito da congregação para a doutrina da fé, enquanto Ruini é vigário do Papa. Ambos individualizam o grande inimigo da Igreja e da civilização ocidental no “homem naturalista”, o homem que se concebe como parte da natureza e confia em tudo na onipotência científica, do nascer ao gerar e ao morrer. Ambos querem responder a este desafio capital, desposando decididamente *fides et ratio*, fé e pensamento laico.

Entre um Ratzinger e um Habermas, naturalmente, as distâncias permanecem intactas. Habermas se define e é “ateu metódico”. Mas, ao ler o seu último ensaio saído na Itália, **Tempo di passaggi**, editado por Feltrinelli e nas livrarias desde metade de novembro, é o cristianismo, e não outro, o fundamento último da liberdade, da consciência, dos direitos humanos e democracia, os pilares da civilização ocidental.

**“Atualmente, não dispomos de opções alternativas. Continuemos a alimentar-nos nesta fonte. Todo o resto são tagarelices pós-modernas”**

Habermas se diz “encantado pela seriedade e coerência” da Teologia de São Tomás de Aquino, totalmente o oposto do pensamento débil que invade até a Teologia atual.

“Tomás representa uma figura do espírito que esteve autonomamente em condições de provar a própria autenticidade. Que nos torvelinhos da religiosidade contemporânea falte hoje um terreno igualmente sólido, me parece ser uma verdade incontroversa. No geral nivelamento da sociedade da mídia, tudo parece perder seriedade, até o próprio cristianismo institucionalizado. Mas a Teologia perderia a sua identidade, se procurasse desvincular-se do núcleo dogmático da religião, ou seja, da linguagem religiosa na qual se concretizam as práticas comunitárias de oração, confissão e fé.

Com respeito à relação com as outras civilizações, Habermas sustenta que “tomar mais claramente consciência das nossas raízes judaico-cristãs não só não é obstáculo ao entendimento intercultural, mas é isso que o torna possível”.

Contesta a moderna “subjetividade desencadeada”, destinada inexoravelmente a “chocar-se contra o que é verdadeiramente absoluto, ou seja, contra o incondicionado direito de toda criatura em ser respeitada na sua fisicidade e reconhecida na sua alteridade, como “imagem de Deus”.

Comentando o “Não tereis outro Deus fora de mim”, escreve:

“De um ponto de vista filosófico, o primeiro mandamento exprime aquele ‘impulso para a frente’ no plano cognitivo que concedeu ao homem a liberdade da reflexão, a força para destacar-se

do vacilante imediatismo, para emancipar-se das cadeias das gerações e do arbítrio das potências míticas”.

Sobre a relação entre Teologia e Filosofia observa:

“Não me ressinto realmente, quando sou acusado de herdar conceitos teológicos. Estou convencido que o discurso religioso contenha em si potenciais que ainda não foram suficientemente usufruídos pela Filosofia, enquanto ainda não foram traduzidos para a linguagem das razões públicas, presuntivamente capazes de persuadir qualquer um. Naturalmente, não falo do projeto neopagão de quem quer ‘trabalhar sobre o mito’. Hoje, no âmbito da crítica pós-moderna contra a razão, estas figuras conceituais neopagãs voltaram a ser moda: um radical antiplatonismo hoje impensadamente difundido por modas inspiradas no Heidegger tardio e no tardio Wittgenstein, no sentido de um repúdio definitivo do universalismo caracterizador das pretensões de verdades incondicionadas. Contra esta tendência regressiva do pensamento pós-metafísico me revolto”.

Põe-se em guarda contra as conseqüências anti-humanas de um relativismo sem teologia:

“O problema de como dar salvação a quem sofre injustamente é talvez o motivo mais importante que mantém em movimento o discurso sobre Deus. Se todos os paradigmas das visões do mundo fossem equivalentes, se a indiferença hoje perversamente difusa tolhesse ao sim ou não de toda decisão do sujeito aquela seriedade que é própria de toda pretensão universal de validade, então deveria necessariamente desvanecer-se aquela dimensão normativa que serve para identificar, vivendo-os como privações, os traços de vida desafortunada, deformada, indigna do homem.

E sobre a contribuição da filosofia ao confronto entre a Igreja e as outras religiões, diz:

“Na disputa dialógica entre visões religiosas concorrentes necessita-se daquela ‘cultura do reconhecimento’ que tira os seus princípios do mundo secularizado do universalismo da razão e do direito. Nesta questão, é, pois, o espírito filosófico aquele que fornece os conceitos úteis ao reesclarecimento político da Teologia. Mas, a filosofia política, que é capaz desta prestação, tem impressa em si a idéia da Aliança, não menos que a idéia da Polis. Portanto também esta filosofia se refere a uma ‘herança bíblica”.

## ENTREVISTA COM ALBERTO MELLONI

*Reproduzimos, a seguir, a entrevista com Alberto Melloni, publicada no jornal italiano **La Repubblica**, de 22-11-04.*

Alberto Melloni<sup>16</sup> é um renomado historiador da Igreja, um dos maiores *experts* do Concílio Vaticano II, sobre o qual organizou uma grande história publicada em várias línguas. Mas, como católico, se define “da última geração”. E lá do fundo não cala sua ilusão com o modo como vê a Igreja Católica de hoje.

**Professor Melloni, mas existe, ou não, uma agressão anticristã?**

<sup>16</sup> De Alberto Melloni publicamos um artigo no *IHU On-Line* n.º 49, de 24 de fevereiro de 2003, e outro artigo na 62ª edição, de 2 de junho de 2003. (Nota do *IHU On-Line*).

**Alberto Melloni** – Certamente existe. Mas não é aquela laicista da qual se tagarela na Itália e na Europa. Uma perseguição verdadeira, forte, sangrenta, da qual muitos cristãos são vítimas, existe em várias regiões extra-européias: são estes os verdadeiros perseguidos dos quais quase ninguém fala. Na Europa, é bem diferente. A perseguição que aqui tantos católicos lamentam não merece este nome. É apenas um problema de incompreensão, de falta de comunicação, de dificuldade em fazer as contas com o homem moderno. Chamar tudo isso de perseguição é uma ofensa para os cristãos que, na África ou na Ásia, são perseguidos e mortos verdadeiramente.

**Mas, fazendo a vítima sem sê-lo, como você diz, que coisa pensam obter estes católicos?**

**Alberto Melloni** – Sonham com a volta de uma cristandade perdida, uma simbiose político-religiosa que ponha a Igreja no centro. E prontamente encontram as forças políticas interessadas nesta operação. Não há nada de novo em tudo isso. A aliança entre reacionários e papalistas já fez fortuna no século dezenove, junto com o encontro entre catolicismo e democracia, experimentado pelos católicos moderados de tantos decênios passados. Hoje este sonho é amplamente relançado na Europa. Na nova Europa está o papa, está o arcebispo de Canterbury, está o patriarca da Romênia, está o arcebispo de Atenas, e isso basta para alimentar a pretensão de uma nova Europa cristã, esquecendo que existem também os muçulmanos e os hebreus, e fazendo com isso um grave dano precisamente à Igreja.

**Que dano?**

**Alberto Melloni** – Aquele de nivelá-la na Europa. É incrível que tantos católicos e eclesiásticos se irritem ao ver personagens estranhos à Igreja estabelecer –lhes qual deve ser o lugar da Igreja na Europa. O cristianismo não é nem europeu, nem ocidental, porém mundial. É possível ser bons europeus e ocidentais, sem incomodar o papado e a Igreja. No Vaticano o sabem e são mais prudentes. Da campanha em defesa de Rocco Buttiglione o cardeal Angelo Sodano se manteve longe. Procurou não quebrar a Igreja com pequenas desventuras domésticas.

**A socióloga da religião Danièle Herveu-Léger sustenta que o catolicismo está, afinal, fora da cultura atual. Concorda?**

**Alberto Melloni** – Está fora porque se auto-exclui. Se a Igreja apenas repete o catecismo, como uma fotocópia, e deixa de lado a reflexão sobre pontos polêmicos, não vai longe. Tomemos os direitos dos homossexuais. No mundo cristão, co-existem posições muito diferentes. Mas, enquanto entre os anglicanos, que são cristãos também, se discute isso abertamente e nos mais altos níveis, entre os católicos, a discussão não é admitida. Não há fato de crônica que não encontre pronta uma declaração do Magistério prestes a condenar. E assim sobre a moral sexual, sobre a interrupção de gravidez, sobre embriões, como também sobre o Islã. São todas questões não externas, mas internas à Igreja. E ela também não admite que os fiéis, abertamente, se confrontem sobre como aplicar à realidade a mensagem de Jesus.

**João Paulo II, em seu discurso ao parlamento italiano, disse que a democracia se torna totalitarismo se não tem uma “verdade última” que a guia. O que pensa sobre isso?**

**Alberto Melloni** – Se a Igreja quer falar a uma sociedade desorientada, tem uma só ‘verdade última’ a oferecer: a paz. A paz como capacidade de conviver entre diversos. A Igreja chegou a descobrir esta verdade após séculos, passando por intolerâncias e guerras de religião. Hoje que na Europa se afirma o pluralismo, a Igreja não deveria vê-lo como uma ameaça, mas como uma alternativa que torna a fé ainda mais bela.

**Mas, a uma democracia que transforma em verdade e direito todo desejo da maioria, a Igreja continua a dizer não.**

**Alberto Melloni** – A democracia tem as suas fragilidades, não funciona como um seminário de jesuítas. O importante é confrontar-se e mediar. Como é errado refutar toda declaração episcopal, como se fosse um atentado à laicidade, assim é errado ver em toda a parte um ataque à Igreja. As idéias evoluem. Hoje, sobre a liberdade de imprensa a Igreja não raciocina mais como Gregório XVI que a demonizava, nem sobre a democracia da mesma forma como Pio XII. A Igreja é chamada a aprender da voz do Espírito que ressoa no coração da existência humana.

**Ressoa também no coração dos não-crentes, laicíssimos como Pera ou Ferrara, que, recentemente, se posicionaram em defesa da Igreja?**

**Alberto Melloni** – Desses a Igreja deveria resguardar-se. Dão mostras de defendê-la, mas, na realidade, a instrumentalizam para fins políticos, sem nenhum respeito pelos conteúdos da fé. Sua atitude é uma operação velha, que jamais fez bem à sociedade nem à Igreja. Excita os clericais com conseqüências que todos os cristãos terão que pagar, em termos de perda de credibilidade: e quando isso acontecer, os assim ditos 'ateus devotos' já os terão deixado a sós. A fé cristã não necessita de semelhantes apologetas. Sabe defender-se sozinha com as maneiras que lhe são próprias e que são firmeza e moderação.

**Instrumentaliza a fé também um filósofo como Jürgen Habermas, ateu e, no entanto, grande apreciador da teologia cristã?**

**Alberto Melloni** – Na Alemanha, é diferente. A teologia alemã não se faz apenas nos seminários, como na Itália. Ensina-se nas universidades estatais, é um saber em diálogo aberto com a sociedade, tanto é verdade que a hierarquia da Igreja seguidamente destaca e condena suas posições.

**A nova carta da Europa não faz menção das “raízes cristãs”. Para a Igreja isso foi uma derrota?**

**Alberto Melloni** – Não creio que o Papa, a cúria e os bispos se tenham, pois, mobilizado tanto, por aquela menção acima de tudo simbólica. Ao menos sobre isso, a Santa Sé foi exemplarmente neutra. Numa Europa, já sem partidos católicos, à Igreja interessa muito mais manter unidos os cidadãos, do que dividi-los por força das filiações religiosas.

**E o choque das eleições americanas?**

**Alberto Melloni** – Thomas Friedman escreveu no *New York Times* de 4 de novembro: “Não nos dividimos naquilo que a América faz, mas naquilo que a América é”. Ai de nós se, também, na Europa, nos destacássemos uns dos outros e do resto do mundo por razões de identidade religiosa. Dentro da Igreja, há quem queira fazê-lo. Mas, afortunadamente a Igreja é demasiado complexa para mover-se compacta nessa direção. Uma grande Igreja de povo não aceita reduzir-se a uma franja política, não aceita pôr Deus no mercado para ver quantos votos recolhe.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## DESTAQUES DA SEMANA

### Artigo da Semana

#### AS TAIS FOTOGRAFIAS

Por Prof. Dr. Fernando Althoff

O professor do PPG em Geologia da Unisinos, Fernando Jacques Althoff, é o autor do artigo que segue, nos remetido por ele especialmente para esta edição de Natal. Graduado em Geologia pela Universidade Federal do Paraná, Fernando Althoff é mestre em Geologia e Geoquímica pela Universidade Federal do Pará e doutor em Física e Química da Terra, pela Université de Nancy I, da França. Agradecemos ao professor pelo envio do artigo.



... vi pela primeira vez  
as tais fotografias  
onde apareces inteira,  
porém lá não estavas nua,  
e sim coberta de nuvens.

**Terra - Caetano Veloso**

Félix Nada, um dos pioneiros da fotografia, procurava pontos de vista não usuais. Ele foi dos primeiros a utilizar a iluminação artificial, e dessa maneira fez fotos impressionantes de catacumbas. Em 1858, a bordo de um balão, fez as primeiras fotografias aéreas da Terra. Ainda que de maneira dissimulada, Nadar participou da primeira viagem à Lua, imaginada pelo seu amigo Júlio Verne. Em *Da Terra à Lua*, que Verne publicou em 1865 - com o curioso subtítulo *Trajetó direto em 97 horas e 20 minutos* - três personagens são enviados à Lua, a bordo de um projétil disparado por um canhão especialmente construído. O sobrenome de um deles, Michel Ardan, é anagrama de Nadar. Nesta história, tudo acontece em um final de ano. O projétil é lançado em 1º de dezembro. Devido à fumaça causada pelo disparo, e às más condições meteorológicas, só no dia 12 de dezembro se observa, aqui da Terra, que o projétil fica aprisionado na órbita da Lua, girando como um satélite. No relato de Verne, não há alusões ao que sentiu Ardan/Nadar ao mirar a longínqua Terra.

A viagem imaginada por Verne aconteceu em 1968. Na véspera do Natal daquele ano, três astronautas, a bordo da Apollo 8, entraram na órbita da Lua e nos permitiram ver a Terra pelos seus olhos: uma esfera azul e branca, brilhante, isolada na escuridão do espaço. Na volta para casa, o astronauta James Lovell referiu-se à Terra como “um grande oásis na vastidão do espaço”. As fotos que traziam, mostravam a Terra de um novo ponto de vista. Fotos feitas a 300.000 km de distância da Terra; prova contundente daquilo que a teoria de Copérnico prenunciara: a insignificância do nosso planeta.

No início de 1969, na prisão, Caetano Veloso viu *as tais fotografias* em uma revista *Manchete*. Anos depois, lembrando delas, compôs “Terra”.

A divulgação dessas fotografias, juntamente com a difusão do conceito de “Espaçonave Terra”, criado por aqueles astronautas, teve grande importância para a conscientização da humanidade

sobre a necessidade da preservação ambiental. Aquela que foi “a maior viagem desde Colombo”. Terminou no dia 28 de dezembro de 1968. No dia 30 de dezembro, pela primeira vez, um jornal – o **New York Times** - trouxe um editorial, clamando pelo fim da destruição do meio ambiente. Em 1969, o então secretário da ONU, U-Thant, estimava que tínhamos cerca de 10 anos para prevenir danos irreversíveis ao meio ambiente no Planeta. Naquele mesmo ano, escolas de Direito passaram a oferecer cursos de Direito Ambiental. De 1968 a 1970, o espaço destinado a notícias sobre o meio ambiente no **New York Times** passou de 51 cm para 559 cm.

Neste ano de 2004, pudemos ver fotos do pôr-do-sol em Marte e fotos com detalhes nunca antes vistos dos anéis de Saturno. Mas os nossos problemas ambientais continuam existindo. No mês de maio de 2005, teremos uma nova oportunidade de olhar para a Terra de um ponto de vista inusitado. O *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, organizado pelo Instituto *Humanitas*, promoverá a discussão sobre alternativas para o futuro do Planeta a partir da Ética universal, do desenvolvimento sustentável, da teoria da complexidade, da economia, e da contribuição das grandes religiões da humanidade. Os temas serão abordados por ilustres habitantes vindos de várias partes do Planeta. Certamente não faltarão fotógrafos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Livro da Semana

**JURANDIR FREIRE COSTA. O VESTÍGIO E A AURA. CORPO E CONSUMISMO NA MORAL DO ESPETÁCULO. RIO DE JANEIRO: GARAMOND, 2004.**

*Como livro da semana apresentamos O Vestígio e a Aura, de Jurandir Freire Costa, disponibilizando a entrevista que ele concedeu, falando sobre o livro, ao jornalista Fred Melo Paiva e publicada no jornal O Estado de S. Paulo, 12-12-04.*

Parece até que Jurandir Freire Costa é um sujeito que só pensa. Se você o conhece por artigos, livros ou palestras, sabe que sua especialidade é trocar em miúdos o comportamento humano. Faz isso com tanta propriedade que corre mesmo o risco de ser confundido com o observador obsessivo, o compulsivo analítico, o crônico tradutor da alma. Um pouco lá isso é verdade. Mas o processo não se dá por cacoete nem arrogância profissional, como se fosse um publicitário arrotando slogan.

O negócio é que Jurandir gosta de ser psicanalista na mesma medida em que gosta de ser flamenguista. Por sapiência, e também por razões futebolísticas conjunturais, concentrou forças na primeira especialidade. Assim, acaba de chegar às bancas seu décimo livro, *O Vestígio e a Aura-Corpo e consumismo na moral do espetáculo* (Garamond, 242 págs., R\$30). A obra, uma intensa discussão em torno do estilo de vida da modernidade, consegue ser ao mesmo tempo otimista e pessimista, conservadora e libertária, simples e complexa. Como a cabeça do ser humano.

Em seu novo livro, Jurandir, que está com 60 anos, mete a colher nos assuntos da intimidade. Sobretudo, cobra de cada um a postura mais conseqüente – “responsabilidade social”. Fala com a autoridade de quem não se permite escrever apenas para os colegas de cátedra ou para



os alunos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde dá aulas. Na medida do possível, presta serviço ao leigo, embora este tenha de lê-lo, como já se disse, com cotovelo na mesa. Na entrevista a seguir, Jurandir Freire Costa esmiúça as idéias de *O Vestígio* e a *Aura*. Recrimina a lógica que nos faz tão pouco comprometidos com as novas gerações. Diz que a “irresponsabilidade das elites” é o principal motor do vazio cultural que transforma toda celebridade em herói e todo valor em espetáculo. Defende o que parece impossível para ele próprio, essa capacidade de não pensar tanto na vida –mas lamenta que a diversão tenha deixado de ser o parêntese para se transformar na frase.

**No seu livro, você juntou de propósito dois temas aparentemente distintos. O que o consumismo tem a ver com o culto ao corpo?**

**Jurandir Freire Costa** - Na cultura da classe média urbana, eles são tidos não só como dois sintomas, mas causas da forma individualista como nós estamos vivendo – cada um se preocupa consigo exclusivamente e, a partir disso, é levado a abandonar qualquer idéia de responsabilidade social. Para mim, são dois itens do que chamo de a moral do espetáculo – e esta, sim, é responsável pela forma como estamos levando a vida, que é a do descompromisso. São temas recorrentes quando se fala na perda de valores dos dias atuais. Estamos mesmo perdendo nossos valores mais tradicionais? Isso é uma fantasia. Não estamos perdendo valores, porque ninguém vive sem valor. O que há é uma reordenação deles. A herança da Revolução Francesa e da americana, o ideário em que se funda a República, que é o básico, não se perdeu. Está sendo atacado, mas resiste. É apoiado nele que a gente pode criticar o que não vai bem.

**Você se alinha aos que estão perplexos com o mundo, como se ele lhe pertencesse cada vez menos?**

**Jurandir Freire Costa** - Não diria isso. A perplexidade, para mim, vem da dificuldade de entender o que fizemos –e o que estamos fazendo – para nos sentirmos tão pouco responsáveis pelo futuro. A experiência burguesa é a de uma civilização comprometida com o futuro, com o progresso, por maiores que tenham sido os equívocos. Seu compromisso primeiro foi com a construção da cidade política, um compromisso cívico. Depois, com a reprodução da espécie e a família, ou seja, com as novas gerações. Daí haver instituições assegurando liberdade, igualdade e fraternidade. O cuidado com o futuro da espécie e da sociedade caracterizou essa civilização tradicional republicana–que é a quem pretendo manter-me fiel. O que me deixa perplexo hoje é esse duplo abandono – o desamor ao mundo e às gerações, para citar Hannah Arendt. Entrega-se tudo às traças. Política passa a ser espetáculo, defesa mesquinha de interesses, lobby–tudo, menos o cuidado com o ambiente coletivo em que vivemos. Em relação ao futuro das gerações, vemos os adultos abdicando da função de educar os filhos. Querem ser eternamente jovens, têm um ideal de felicidade que faz com que se voltem para si e descuidem das crianças. A educação delas já é voltada para a formação de pessoas apenas preocupadas consigo mesmas.

**Você, no entanto, poupa aqueles que criam relações afetivas com objetos de consumo.**

**Jurandir Freire Costa** - Faço uma distinção entre comprismo e consumismo. A intenção do comprador é uma, a do consumidor, outra. O primeiro tem com o objeto uma relação na qual o produto existe para durar. Permanece além do puro ato de comprar e usar. Voltamos à experiência da clássica civilização burguesa–os avós passavam muitas coisas para os filhos, e os filhos depois passavam para os netos. Eram objetos que tinham história. Teciam o fio que unia o passado ao futuro. Isso está longe de ser pejorativo. Precisamos de objetos para mediar

nossas relações – todo o mundo já deu presente a quem gosta. Objetos são coisas que presentificam o curso da história e dão testemunho do passado de quem existiu. Sem isso, tudo seria ação que se perdeu. Teríamos, no máximo, nossa memória. Já a intenção do consumidor é outra – aquilo não significa nada, é lixo, refugio. Como o consumo de drogas, ele é feito para me trazer excitação e felicidade sensorial. Minha distinção fundamental é a de que é apreciável e enriquecedor tudo o que ajuda a manter o vínculo do passado com o futuro, numa prática humana responsável para com a coletividade e as novas gerações. Tudo que caia fora disso tem de ser criticado.

**No livro, você aponta o limite ético desse tipo de atitude.**

**Jurandir Freire Costa** - O segredo é o limite ético do uso. O que adquire me serve concretamente? Aquilo me compromete com quem vem depois de mim, ou só o estou usando para fazer do mundo um refugio humano, político, ambiental? O que seria da tradição cultural do ocidente sem a indústria química, com tinta e papel para escrever? Sem a escrivania, a tela para pintar, o aparelho de música? Sem o aconchego dos lares burgueses, onde se produziram reflexões sobre filosofia, religião, ciência, política? Neles, as pessoas se vestiam para aparecer umas às outras. Não vejo problema nisso. Antes do século 19, as casas não tinham nada – e então começaram a encher-se de bibelôs, florzinhas e não sei mais o quê. O romantismo filosófico, literário e musical, e também o amor romântico, nasceram nesse contexto, cercados de objetos. Sem o progresso da indústria teria havido romantismo amoroso? Foi a indústria química alemã que fazia com que as sinhas tivessem 17 tipos de papel, um para cada sentimento.

**O mundo passa por uma fase de pessimismo em relação ao futuro?**

**Jurandir Freire Costa** - Quando dizemos isso, significa que as elites responsáveis estão pessimistas. O povo está vivendo o cotidiano de sobrevivência – nada além disso. Quanto mais você forma elites responsáveis, mais tem a vigência de princípios democráticos e republicanos. Quanto mais estreita o papel dessa elite, mais tem uma oligarquia irresponsável e uma massa apática. Quando a elite é mais responsável, consegue interferir e relacionar-se com o povo – e obter dessa relação insumo para progredir. Tudo, enfim, sempre depende das elites.

**A fase é de elites irresponsáveis?**

**Jurandir Freire Costa** - Sim. E, basicamente, porque sucumbiram à moral do espetáculo.

**O que é exatamente isso que você chama de moral do espetáculo?**

**Jurandir Freire Costa** - É a faceta negativa do compromisso democrático republicano – avessa à justiça e à decência para todos, ao direito de auto-realização, à ideia de cada um descobrir sua maneira de ser feliz, desde que não comprometa o direito do outro de escolher o mesmo caminho. Esse é o ideário que mantém de pé a civilização ocidental. São as éticas de compaixão, que fazem desenvolver um respeito pela vida e uma capacidade de identificação com o sofrimento alheio – nada a ver com pena. Quanto mais pessoas estão comprometidas com isso, maior o número dos que participam da elite. Quando esse número baixa, percebe-se uma espécie de vácuo cultural, de desentendimento e individualismo. Os que têm função de formar opinião em ciência, política, filosofia, arte estão pessimistas em boa parte – porque sucumbiram à moral do espetáculo. Ela é uma moral correlata ao que se chamou de sociedade do espetáculo. Mudou a mediação entre os sujeitos e a compreensão do mundo. Antes havia vários mediadores que me permitiam essa compreensão – como a religião, o trabalho, a convicção intelectual. Diversas coisas davam sentido ao meu mundo. Com o avanço gigantesco

da mídia – sobretudo com vistas a divertir, a não comprometer, a vender –, aos poucos houve uma invasão do imaginário popular, e a imposição de uma percepção de mundo sem compromisso com o futuro. A realidade do espetáculo passou a ser chave única para se entender a vida – é ela que diz o que é bem mal, bandido e mocinho. Tudo vai passar pelo espetáculo, e, em especial, pela TV.

#### **Quais as conseqüências disso no dia-a-dia das pessoas?**

**Jurandir Freire Costa** - A moral do espetáculo tem duas pernas: a vida como entretenimento e a felicidade das sensações. Esta se concentra no próprio corpo. Uma derivação dela é o uso das drogas. Não se contenta mais em ser feliz sentimental, religiosa ou civicamente. É necessário um gozo do corpo muito intenso, o gozo pelo êxtase. O êxtase corporal é breve, provisório. Sua manutenção depende do novo. No romantismo do século 19, eu poderia passar dois anos sem ver a mulher amada e gozando com isso, inventando histórias, escrevendo música ou poesia. A brevidade do gozo das sensações está em sintonia com a provisoriedade da realidade apresentada pela mídia. Todo dia tem de se apresentar alguma coisa nova, para que o indivíduo não troque de canal. É preciso entreter, o que não tem nada a ver com divertir. A diversão, Freud já disse, é parêntese à reflexão ética. Quando se diverte, a gente se desobriga de pensar eticamente. Não posso estar o tempo todo pensando nos efeitos dos meus atos. Precisamos de clareiras onde possamos rir de tudo o que é politicamente incorreto, indecente e transgressor. Mas é como o parêntese: a gente abre, fecha e volta. A moral do espetáculo começa a fazer com que o parêntese vire a regra.

#### **A mudança no conceito de felicidade – e a característica novidadeira da mídia – é só uma imposição do mercado a que o indivíduo acaba sucumbindo?**

**Jurandir Freire Costa** - O mercado é um aspecto fundamental, mas não é tudo. Não produz desejo e depois o satisfaz. Pense na conduta sexual liberada. Não foi uma invenção do mercado nem dos conservadores, mas da contracultura. Os maiores ataques à família não foram criação do mercado. Acredito que não há mercado que vá contra o ideal de felicidade. O mercado que for contra isso vai falir. O McDonald's está em crise porque não admitimos mais comer gordura. O mercado poderoso da indústria do tabaco ninguém quer. Agora, quando há sintonia com o outro, ele se potencializa. Quando a palavra de ordem é pessimista, e a idéia é só o "carpe diem" (expressão latina para "colha o dia", no sentido de protelar seu fim, aproveitá-lo ao máximo). Isso entra em sintonia com o desejo dos adultos de desonerar-se das crianças, e o dos velhos de permanecer jovens. Nós não queremos uma família conservadora como antes, o que é justo. Então, é preciso estabelecer um novo limite.

#### **Quando culpa as elites e os formadores de opinião pela moral do entretenimento, fala só do Brasil?**

**Jurandir Freire Costa** - Imagino que aqui a situação seja pior, dada a miséria. A elite irresponsável são os que se dão ao luxo de ser pessimistas, aqueles que dizem que o Brasil fracassou e, se pudessem, iriam embora. Querem cuidar da própria vida e o resto que se exploda. Dizem que todo político é igual e, por isso, não votam. Que todo intelectual é igual e, por isso, não lêem. Para eles, a única coisa que não é igual é o programa descerebrante da televisão. A única coisa que presta no País é quem é apresentado, independentemente do talento e do comprometimento desta pessoa. São indivíduos que se contentam em ter como modelo de vida aqueles que invejam e desprezam, ao mesmo tempo. Não há pior modelo para você nem para os seus filhos.

**O culto exacerbado às celebridades é a causa do que você chama de “crise da autoridade”?**

**Jurandir Freire Costa** - Essas pessoas passam a ser a “autoridade”, alguém que você olha para inspirar sua conduta social, moral e psicológica. Mas não existe autoridade provisória. Ela supõe durabilidade, história, tradição.

**Por que as celebridades viraram um mal social?**

**Jurandir Freire Costa** - O sistema do estrelato hollywoodiano, até os anos 50, era diferente. As mulheres podiam desejar ter um cabelo como o de Marilyn Monroe. Mas ninguém ia morrer de desnutrição para ter um corpo igual ao dela. Hoje, dentro de casa, pai e mãe pressionam para que os filhos sejam iguais a essas figuras do espetáculo – os adultos desautorizam a vida que eles próprios têm. Todo o resto não tem valor: ser honesto, trabalhar, ser fiel a seus princípios morais, tudo é conversa de perdedor, de mané. Isso não existia antes. Mesmo as pessoas da minha geração, acostumadas a ver estrelas, como antes outras pessoas tinham visto as grandes figuras do rádio, não faziam com que esses astros desqualificassem os exemplos de dentro de casa, na figura do professor ou do médico que atendia em domicílio. Agora, todos parecem estar de joelho em relação aos ídolos. Um fato exemplar: uma garotinha, perguntada sobre quem seria o presidente do País, respondeu “Ronaldinho”. Para ela, o emblema, a autoridade máxima, aquele que representa o que é o Brasil é o jogador de futebol tornado celebridade. E veja que Ronaldinho ainda tem um enorme valor. Porque a maioria não tem valor algum: nem artístico, nem moral, nem científico, político ou espiritual.

**Você vê alguma possibilidade de o núcleo familiar brigar contra isso?**

**Jurandir Freire Costa** - Acredito que sim. Até porque essa coisa vem ocorrendo de forma tão violenta desde os anos 80 que de repente está começando a perder o fôlego. Talvez a gente só tenha clareza do malefício disso justamente porque estamos deixando para trás essa tempestade. O problema é o que vamos fazer daí para a frente com essa quantidade de pessoas que diz que o mundo perdeu seus valores. Como assim? Todos sabemos quais são os valores – todos têm direito à vida, à liberdade e à felicidade. A vida é um bem; o respeito e a identificação com o sofrimento do outro são valores.

**Você sente que sua visão pode ser tachada de conservadora?**

**Jurandir Freire Costa** - Sinto. A diferença é que os conservadores pensam que a família tem de ficar frigorificada lá no século 19. Estou longe de querer isso. Como psicanalista, sei o que Freud descobriu – aquele universo neurótico de sexualização em excesso, de ódios, aquilo aconteceu por conta daquela família nuclear sufocante, entupida e saturada de preconceitos, de dissimetria entre homem e mulher, de opressão de crianças por uma moralidade estreita dos adultos. Para mim, família é outra história: se a gente dá vida a alguém, tem de cuidar desse alguém. Se você me disser que a comunidade vai cuidar delas, eu direi: “Por que não? Já fizeram isso nos kibutzim”. Acontece que ninguém quer isso. Sabe por quê? Porque, de novo, a moral do entretenimento e da irresponsabilidade do espetáculo faz com que os adultos queiram os filhos para ter o prazer da maternidade e da paternidade – o prazer deles próprios. Querem gozar da delícia do afeto de ser pai. Quando o bebê cresce e começa a gritar, e a dizer que não come isso ou aquilo, aí todo o mundo começa a achar ruim. Porque só querem a brincadeira. Só querem o bebezinho que sai em fotografia de revista no quarto de bebê. Ao mesmo tempo, não querem abrir mão do direito de cuidar dos filhos. Querem o monopólio do poder, mas não a responsabilidade. Essas idéias, como se vê, são completamente diferentes das de um conservador. Acho que hoje em dia, por exemplo, os casais jovens vão tender a separar-se.

Terão mais de uma relação conjugal. É o dinamismo da vida, o que não é opinião dos conservadores. Aliás, sou conservador em apenas um aspecto, e desse não abro mão: não devemos ultrapassar o limite da nossa cultura, que é quando o sofrimento do outro não nos toca mais.

**Vamos voltar aos temas exemplares de seu livro. Primeiro o culto ao corpo – quais seus efeitos psicológicos mais positivos?**

**Jurandir Freire Costa** - Cuidar do corpo, aliado ao aumento de perspectiva de sobrevivência e do progresso da tecnologia médica, está fazendo com que a gente viva com normas corporais muito diversas. Espero que daqui a pouco a gente esteja naqueles cenários como o de Guerra nas Estrelas, com tanta gente anatômica e funcionalmente diferente. Porque, antes, pessoas com síndrome de Down, que não viam ou não falavam, eram colocadas numa espécie de sótão, que não nos permitia vê-las nem aprender com elas. Agora, essas pessoas estão vindo à luz. Estamos percebendo que elas podem ver o mundo de uma maneira que a gente não vê, e essa nova maneira de enxergar pode enriquecer o nosso mundo. Isso vem do interesse profundamente positivo pelo corpo. Novas formas de satisfação sentimental também estão ligadas a esse cuidado. O aporte das próteses e a preocupação preventiva vai permitir que as pessoas vivam até os 120 anos. Uma pessoa com essa idade vai ter um tipo de satisfação mental e emocional que será muito diferente da que temos hoje. Vamos pensar, por exemplo, no romantismo amoroso, esse modo de felicidade sem igual na nossa cultura. Se você pensar historicamente, ele foi criado para uma média de vida de 30, 40 anos. Mal se acabava o primeiro amor, e o sujeito já tinha morrido. Quando você vai ficando mais velho, acaba o elo romântico da primeira relação. Aí você vai para a segunda, que é diferente da primeira – mas você só vai saber disso se viver muito. Aos 60, terá passado por três grandes paixões.

**Você não acredita que um amor possa durar a vida toda?**

**Jurandir Freire Costa** - Acredito, mas isso é a exceção. Quanto mais se vive, mais se vão descobrindo fontes novas de satisfação. Então se vai ampliando o repertório possível de felicidade – teremos a felicidade dos 120 anos; dos 100; dos 60, que ainda estará girando em torno do romantismo amoroso. Tudo isso é uma possibilidade, mas só se você quiser cultivar a diferença. Senão, as pessoas irão começar a fazer o que dita a moral do espetáculo e, aos 110 anos, estarão dizendo: “Ai, o amor é lindo e agora eu o estou redescobrimo.” Isso é forçação, porque a maioria não terá o repertório biológico para ter esse tipo de usufruto.

**Por outro lado, o culto ao corpo trouxe o chamado “transtorno da imagem corporal”. O que é isso?**

**Jurandir Freire Costa** - Falamos em distorção quando a imagem que tenho de mim vai contra o meu equilíbrio biológico – é quando digo que estou gordo, mas não há em mim nenhum depósito de lipídio. Se continuar a fazer regime, vou perturbar o meu organismo. É quando a imagem corporal se choca com os interesses biológicos.

**Você diz que o lado nocivo da obsessão pelo corpo aparece na “submissão compulsiva à moda publicitária”. O que a publicidade tem a ver com isso?**

**Jurandir Freire Costa** - A publicidade vai ditar qual é o físico ideal, quando nem todo o mundo tem equipamento físico para copiar o modelo. É o caso da magreza das mulheres.

**Qual a medida ética do interesse pelo corpo?**

**Jurandir Freire Costa** - Isso é extremamente pessoal. O padrão é você continuar consciente com a responsabilidade para com o futuro.

**É o mesmo que você comenta sobre o consumismo.**

**Jurandir Freire Costa** - Tudo volta a esse discurso. Comecei o livro com uma citação de Benjamim sobre o vestígio e a aura. Ele diz que nossa relação com os vestígios do passado é de posse e proximidade, o que nos faz seguros. O passado está sempre perto de nós, temos a sensação de que ele é nosso. Com a aura do futuro, o sentimento é sempre de distância e despossessão. Não sabemos agora o que será o minuto adiante. Só temos um meio de lidar com esse desconhecido – projetando nele a sombra do passado. Fazendo com que ele venha a realizar aquilo que já sei que me dá conforto e segurança. Então, todo o futuro que pensamos nada mais é do que a realização de um passado tranquilizador.

**Você finaliza um capítulo enfatizando a mudança de perspectiva. Ensinar a ver o mundo por outro ângulo é a função da psicanálise?**

**Jurandir Freire Costa** - Sim. Muitas vezes, você não encontra respostas porque seu olhar está viciado, em virtude da pergunta que você vinha fazendo. Faça outra pergunta e outra resposta pode vir. No fundo, o que é o processo de psicanálise senão pedir à pessoa que conte outra história sobre ela? Que ela perceba que a história que tem sobre si mesma parte de um ponto de vista particular, de uma narrativa oferecida pelo outro – e foi um tipo de prazer que ela desenvolveu sendo personagem dessa narrativa. Ela sai dessa posição, o universo se abre.

**A psicanálise tem perdido espaço para terapias que prometem resultados mais rápidos. Esse é o princípio do que se chama de crise da psicanálise?**

**Jurandir Freire Costa** - Não há crise. O que aconteceu que a psicanálise saiu da cena espetáculo, o que acho muito bom. Não foi porque ela quis. Ela foi expulsa – ninguém quis mais saber dela.

**A visão psicanalítica pode ajudar a transformar a sociedade?**

**Jurandir Freire Costa** - Não ousaria dizer isso. A capacidade de transformação social da psicanálise é nenhuma, se comparada com ciência política, filosofia, antropologia e sociologia. Quando escrevo um livro, é para reforçar alguma coisa que meus colegas analistas sabem: que a gente é, de certa maneira, aquilo que a nossa cultura nos pede que a gente seja. Para os leigos, o interesse é dizer o seguinte: “Atenção, aquilo que vocês acham que é uma brincadeira, tem consequência, e muito grave.” Meu interesse é nesse duplo diálogo. penso que é assim que se constitui o espaço público.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Deu nos jornais<sup>17</sup>

### A política na sociedade do espetáculo

“A perplexidade, para mim, vem da dificuldade de entender o que fizemos - e o que estamos fazendo - para nos sentirmos tão pouco responsáveis pelo futuro. A experiência burguesa é a de uma civilização comprometida com o futuro, com o progresso, por maiores que tenham sido os equívocos. Seu compromisso primeiro foi com a construção da cidade política, um compromisso cívico. Depois, com a reprodução da espécie e a família, ou seja, com as novas gerações. Daí haver instituições assegurando liberdade, igualdade e fraternidade” - afirma Jurandir Freire Costa, psicanalista, na entrevista publicada no jornal **O Estado de S. Paulo**, 12-12-04. Para ele, “o cuidado com o futuro da espécie e da sociedade caracterizou essa civilização tradicional republicana - que é a quem pretendo manter-me fiel. O que me deixa perplexo hoje é esse duplo abandono - o desamor ao mundo e às gerações, para citar Hannah Arendt. Entrega-se tudo às traças. Política passa a ser espetáculo, defesa mesquinha de interesses, lobby-tudo, menos o cuidado com o ambiente coletivo em que vivemos”. E continua: “Em relação ao futuro das gerações, vemos os adultos abdicando da função de educar os filhos. Querem ser eternamente jovens, têm um ideal de felicidade que faz com que se voltem para si e descuidem das crianças. A educação delas já é voltada para a formação de pessoas apenas preocupadas consigo mesmas”.

### Entretos. A política como espetáculo

“O que mais me chocou quando vi o documentário do João Salles sobre a eleição do presidente Lula foi, exatamente, a mediação entre o militante Lula do ABC e o presidente Lula, em Brasília”, comenta Jurandir Freire Costa, psicanalista, na entrevista publicada pela revista **Carta Capital**, 15-12-04. E continua: “Ele, militante, falava em nome do trabalho, interpretava aquele mundo e propunha alguma coisa. Era muito bonito, muito agradável de se ver. Ele falava em nome de uma classe, pouco importava. Depois é mostrado como candidato a presidente. Evidentemente, Lula tinha de sair da perspectiva de classe para falar em nome de todos os brasileiros. Essa é a obrigação e o dever de um presidente democrático. Acontece que quando ele vai falar começa a haver o filtro das conveniências publicitárias. Uma legião de pessoas o cerca: marqueteiros, especialistas em índice de audiência, especialistas em saber o que o povo quer, especialistas em imagem física, especialistas em elegância”. E contundente, conclui: “Não importa o que o presidente ia dizer, mas, sim, se o que ele ia dizer soaria como verdadeiro. Do lado de cá o que se está preparando? Prepara-se o cidadão para dizer: ‘Não acredito’. O mais corrosivo, o pior, dessa moral do espetáculo é levar a crer que não há em quem acreditar. Não podemos viver sem pessoas que a gente admire. Seja o pai, o professor, o político, o chefe”.

### O triplo P: People, Planet, Profit

Você quer se dar bem no mercado hoje? Então a regra é clara, leve em consideração três coisas: pessoas, planeta, lucro. Quem sugere é Fábio Barbosa, presidente do Banco Real ABN Amro, foco de uma das matérias da **IstoÉ Dinheiro** da semana passada. Porém o presidente do Banco, segundo a revista, deixa claro: “Não estou para defender o meio ambiente. O que eu quero é estimular o desenvolvimento sustentado das empresas com quem nos relacionamos,

<sup>17</sup> Na elaboração do boletim desta semana consultamos as seguintes fontes: Brasil: **Folha de S. Paulo**, **O Globo**, **O Estado de S. Paulo**, **Carta Capital**, **IstoÉ Dinheiro**. Estrangeiros: França: **Libération**, **Le Monde**, **Esprit**, Itália: **La Repubblica**; Espanha: **El País**.

porque isso é bom para os negócios”. De acordo com o banqueiro, “a empresa corta madeira ilegalmente, emprega mão-de-obra infantil? Não serve. A sociedade não aceita”.

#### **Uruguai. Plebiscito aprova o direito de todos à água**

O Uruguai é o primeiro país do mundo que declara que todos têm direito à água e que é obrigação do Estado criar uma política global para o tema, “baseado em estritos mecanismos de conservação do meio ambiente e com vistas ao legado que se deixará para as futuras gerações”. Segundo o jornal mexicano **La Jornada**, 12-12-04, isso foi aprovado no plebiscito realizado em outubro deste ano, simultaneamente com a eleição presidencial. Segundo o jornal, a transcendência do plebiscito uruguaio se baseia no fato de que ele poderá servir de exemplo para que outros países cuidem institucionalmente da água.

#### **Cena Brasileira. Medo S.A.**

Da coluna de Ancelmo Gois, publicada no jornal **O Globo**, 13-12-04: “Veja como prospera no Rio a indústria do medo. O condomínio Interlagos Quality, na Barra, vai encobrir seus dois enormes muros com uma cerca elétrica inteligente, do tipo Speed Safe, que tem câmeras acopladas e interligadas a uma cabine de segurança”.

#### **A impressionante extinção das aves**

“Entre 6% e 14% de todas as espécies de aves podem desaparecer até 2100, e 25% correm risco de extinção, alerta estudo de um grupo de biólogos norte-americanos. Este fato seria resultado da combinação de vários fatores - aquecimento global, destruição de *habitats*, caça predatória e doenças”. A notícia está publicada nos jornais **Le Monde** e **O Globo**, 14-12-04. “De acordo com os pesquisadores do CCB (Centro de Conservação Biológica) da Universidade de Stanford, responsáveis pelo trabalho, as conseqüências sobre o ecossistema e a agricultura mundial seriam graves”. As projeções mostram que “uma espécie a cada quatro se encontrará em perigo de extinção. Os resultados seguem o rastro de um relatório da World Conservation Union divulgado em novembro, segundo o qual 12% das aves do planeta já estão correndo risco de extinção”.

#### **CPI do Banestado. Uma palhaçada**

O procurador da República Celso Antônio Três, 42, disse ontem que o resultado final da CPI do Banestado foi uma “palhaçada”. Segundo ele, a CPI foi inútil e serviu apenas “para desmoralizar o instituto da CPI”, segundo notícia publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 16-12-04. “Ninguém vai ser punido. A apuração da CPI era para punir, não para dar anistia”. O procurador, ao conseguir a quebra do sigilo das remessas CC5 (de não residentes), em maio de 1999, foi o responsável pela descoberta de um esquema de lavagem de dinheiro que usava as contas CC5 para remessas ilegais ao exterior. A CPI do Banestado é fruto de investigações sobre essas remessas. “Infelizmente não há outra palavra para definir mais claramente essa piada de relatório. É uma palhaçada, com todas as letras, o que fez a CPI do Banestado com esse relatório, que inocenta até o senhor Paulo Maluf”, disse.

#### **CPI do Banestado e a CPI dos Anões do Orçamento**

“Palavras atuais do deputado petista José Mentor, relator da CPI, sobre a evasão ilegal de dinheiro: ‘Os mais pessimistas falam em US\$ 80 bilhões, os mais otimistas falam em US\$ 180 bilhões’ Procuradores da República passaram à imprensa, a meio do ano, a evasão de US\$ 30 bilhões, só pelas chamadas contas CC5, a partir de 1997. Diante dessas cifras, José Mentor propõe o indiciamento de apenas 91 pessoas, de mais de meio milhão de possíveis remetentes



ilegais investigados. Que média individual de evasão, hein?”, escreve o jornalista Janio de Freitas no jornal **Folha de S. Paulo**, 16-12-04. E conclui: “O que resultou da longa e importante CPI, além de alguns espalhafatos quando divulgados documentos seus, foi igualar-se à CPI dos Anões do Orçamento, cujo relatório foi remanejado às pressas, madrugada adentro, para atender a conveniências políticas e eleitorais, pessoais e econômicas. A corrupção era assunto secundário. Continua sendo”.

#### Os operários da Renault se mobilizam para ler

Esta é a manchete do jornal francês **Libération**, 16-12-04, noticiando a mobilização dos trabalhadores da Renault, em Mans, contra o fechamento da biblioteca da empresa, fundada em 1945. A biblioteca desde 2002 era gerida por uma aliança de duas centrais sindicais: CFDT-CGC.

#### O crescimento da agricultura familiar

A agricultura familiar foi um dos setores econômicos que mais cresceram em 2003. Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) nacional aumentou apenas 0,5% no ano passado em relação a 2002, o da agricultura familiar subiu 9,37%. O PIB do setor alcançou R\$ 156,6 bilhões, o que corresponde a 10,06% do PIB do País no ano passado. Os números são resultado de uma pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) a pedido do Ministério do Desenvolvimento Agrário. A notícia está publicada no jornal **O Globo**, 17-12-04. O trabalho, divulgado dia 16 de dezembro, também revela que o setor de agricultura patronal, que envolve grandes propriedades, correspondeu a 20,51% do PIB nacional. O crescimento desse segmento foi de 5,13% do PIB entre 2002 e o ano passado. Segundo a pesquisa, o PIB da agricultura familiar vem crescendo desde 1995, quando o valor era de R\$ 129,9 bilhões. Existem hoje, no País, 4,1 milhões de unidades produtivas inscritas no Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf). Essas unidades empregam atualmente 13 milhões de trabalhadores.

#### O religioso não é mais da ordem da heteronomia

“O religioso não é mais da ordem da heteronomia, da dependência radical, mas da ordem da transcendência na imanência”, afirma Luc Ferry no livro **Le religieux après la religion** (O religioso após a religião), escrito conjuntamente com Marcel Gauchet. O livro foi publicado no mês de outubro deste ano e está gerando um grande debate nos meios acadêmicos. O **IHU On-Line** nº 127 repercute o debate no artigo “O outro da religião”, de Reyes Mate, publicado na editoria **Artigo da Semana**. Para Luc Ferry, isso significa que “a moral não mais se funda na religião que é exterior aos seres humanos, mas para a qual a moral, pensada a partir da autonomia das experiências individuais, tende”. Isso pode ser lido na página 41 do referido livro.

#### O investimento humano no invisível

“Mesmo sublinhando a idéia de uma natureza religiosa do homem, ou de uma disposição natural à metafísica, há algo como um substrato antropológico a partir do qual a experiência humana é suscetível de se instituir e de se definir sob o signo da religião. Nenhuma lógica política e social pode dar conta disto, ou seja, o investimento humano sobre o invisível”, afirma Marcel Gauchet, autor do importante livro **Le Désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion** (O Desencantamento do mundo. Uma história política da religião) e, mais recentemente, **La condition historique** (2003).

### EUA. Uma combinação de ateísmo social com crença individual

“Os Estados Unidos são um exemplo único da coexistência de uma sociedade funcionando segundo uma lógica secular, e mesmo, sob muitos aspectos, mais materialista que outros países e de um povo religioso. São circunstâncias históricas excepcionais que fabricaram esta combinação de ateísmo social com crença individual”, afirma Marcel Gauchet, da École de Hautes Études en sciences sociales e redator-chefe da revista **Le Débat**, no seu último livro **Un monde désenchanté?**, publicado em outubro de 2004 pela Editora L’Atelier. Marcel Gauchet é autor do já clássico **Le désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion**, em que defende a tese de que a sociedade contemporânea é a primeira sociedade que fez a “saída da religião”. Neste último livro, o autor sustenta a tese de que “a saída da religião prossegue, provocando, como no passado, reativações e reempregos do religioso que é preciso cuidar para não confundir com uma restauração da organização do mundo segundo a religião”.

### O humanismo a ser repensado

Marcel Gauchet, no último capítulo do livro recém-lançado, **Un monde désenchanté**, discute o possível papel das instituições religiosas numa sociedade que saiu da religião. Segundo ele, “sociedade saída da religião tem um problema com a idéia de homem. Toda ela fundada sobre os direitos do homem, ela tem uma idéia vaga deste homem que tem direitos”. Ele descreve a fonte da “desumanização insidiosa” presente na sociedade contemporânea. Aí se levanta, para M. Gauchet, a pergunta: **De que humanismo necessitamos?** Aí M. Gauchet vê um papel importante do cristianismo. Segundo ele, “humanismo religioso e humanismo ateu, para retomar expressões canônicas, são chamados a descobrir um território convergente ao mesmo tempo em que se devem redefinir”. E conclui: “Leigos, agnósticos, não crentes, ateus percebem cada vez mais que eles não salvarão sozinhos a dignidade do homem na qual eles crêem; eles têm necessidade do concurso de uma fé esclarecida para uma luta que não lhe diz diretamente respeito, mas da qual ela não pode se excluir sem ser derrotada”. Ou seja, “as instituições religiosas são chamadas a agir numa sociedade cada vez mais descristianizada, onde os não-cristãos têm algo a esperar dos cristãos”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Frases da semana

### A moral do espetáculo

*“Sou conservador em apenas um aspecto, e desse não abro mão: não devemos ultrapassar o limite da nossa cultura, que é quando o sofrimento do outro não nos toca mais”.* - **Jurandir Freire Costa**, psicanalista - **O Estado de S. Paulo**, 12-12-04.

*“À sociedade do espetáculo corresponde uma moralidade que eu chamei de moral do espetáculo, que tem, em essência, duas extensões bem claras. A percepção da vida como entretenimento e a idéia de felicidade como satisfação das sensações”.* - **Jurandir Freire Costa**, psicanalista - **Carta Capital**, 15-12-04.

*“Ninguém aprende ética por abstração. Eu quero saber onde estão os Barbosa Lima Sobrinho deste país, os Alceu Amoroso Lima, os Joaquim Nabuco, os Raymundo Faoro. Onde estão? Engana-se quem achar que podemos viver sem isso”.* - **Jurandir Freire Costa**, psicanalista - **Carta Capital**, 15-12-04.

**Lula 2006**

*“Apertado, posso até dizer que a probabilidade maior é de o Lula ser reeleito em 2006”.* - **Luís Carlos Mendonça de Barros**, economista, ex-ministro de FHC - **Valor**, 14-12-04.

*“O Lula, daqui para frente, é um time que acha que está ganhando e vai jogar na defesa. Vai ser um governo conservador”.* - **Luís Carlos Mendonça de Barros**, economista, ex-ministro de FHC - **Valor**, 14-12-04.

**Economia subordinado ao financeiro**

*“Entre os países continentais em desenvolvimento, o Brasil é hoje o único cujos quadros dirigentes abraçam uma pseudo-ortodoxia que subordina as exigências da economia real aos interesses do capital financeiro e que nos deixa indefesos diante dos ciclos de liquidez na economia mundial. Por isso mesmo é o que menos cresce e o que continua a ser mais desigual”.* - **Roberto Mangabeira Unger**, politólogo - **Folha de S. Paulo**, 14-12-04.

*“O caminho do desenvolvimento com justiça não passa pela surpreendente entrega do Brasil do século 21 ao papel de exportador de grãos, de metais e de gente”.* - **Roberto Mangabeira Unger**, politólogo - **Folha de S. Paulo**, 14-12-04.

**A vida é o mais importante**

*“A vida é o mais importante. A arquitetura não muda nada. Está sempre do lado dos mais ricos. O importante é acreditar que a vida pode ser melhor”.* - **Oscar Niemeyer**, arquiteto - **Folha de S. Paulo**, 12-12-04.

*“Eu acredito no comunismo, ele pode melhorar a vida, organizar as cidades, com as pessoas vivendo igualmente. De modo que essa idéia não é a de voltar aos pessimistas da história, mas é sentir que o homem tem de ser modesto, tem de olhar para o céu”.* - **Oscar Niemeyer**, arquiteto - **Folha de S. Paulo**, 12-12-04.

*“No campo da arquitetura, repito sempre aos colegas mais jovens que é preciso ler. Não basta sair da escola como um bom profissional, mas como alguém que leu e conhece os problemas deste mundo injusto, onde vai atuar. Daí sugerir que em todas as escolas superiores sejam dados cursos paralelos sobre filosofia, letras e história”.* - **Oscar Niemeyer**, arquiteto - **Folha de S. Paulo**, 17-12-04.

*“Ainda acredito no comunismo, capaz de dar à vida o sentido humano que falta. Quanto ao ser humano, sinto como Schopenhauer e Sartre tinham razão”.* - **Oscar Niemeyer**, arquiteto - **Folha de S. Paulo**, 17-12-04.

**Banestado. O funeral das CPIs**

*“A CPI do Banestado marcou o funeral das CPIs no Congresso”.* - **Pedro Simon**, senador - PMDB-RS - **O Globo**, 15-12-04.

**Declaração Universal dos Deveres**

*“Se o século XX foi o da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o século XXI deve ser o da Declaração dos Deveres”.* - **Jostein Gaarder**, filósofo, autor do livro **O Mundo de Sofia** - **El País**, 16-12-04.

“Necessitamos fixar mais responsabilidades nos tratados internacionais. Reclamar mais meio ambiente do que ética. Nossa ética deve basear-se em não desejar aos demais o que não queremos para nós e ser conscientes de que assim como não teríamos gostado que nossos antepassados tivessem cortado nossos bosques, assim também os que virão depois de nós não o gostarão”. - **Jostein Gaarder**, filósofo, autor do livro **O Mundo de Sofia - El País**, 16-12-04.

### **Rock**

“Creio que a geração do rock se acostumou a usar a música como suporte emocional. Só que agora necessitam de outro tipo de canções”. – **Rod Stewart**, cantor de rock – **El País**, 19-12-04.

### **O que é ser jornalista**

“O trabalho de fazer um jornal diário não lhe dá muito tempo para pensar na própria vida e nas intrincadas questões que ela suscita. Você se preocupa mais com a saúde do papa do que com a saúde dos seus filhos”. – **Ricardo Noblat**, jornalista, no livro **O que é ser jornalista. Memórias profissionais**. São Paulo: Record. 2004, p. 199.

**Obs.** As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **EVENTOS IHU**

### **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade OFICINAS E MINICURSOS DO TERCEIRO DIA**

De 16 a 19 de maio se realizará, na Unisinos, o *Simpósio Internacional Terra habitável: um desafio para a humanidade*. O simpósio celebra a memória do centenário do nascimento de Balduino Rambo (1905-2005), do cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin e o centenário do “annus mirabilis” de Einstein.

***Veja a seguir a programação das oficinas que serão oferecidas no terceiro dia do Simpósio (já publicamos as do primeiro e segundo dias em edições anteriores).***

No terceiro dia do Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, que se realizará de 16 a 19 de maio de 2005, na Unisinos, para o terceiro dia, estão programadas e confirmadas as seguintes oficinas:

- Teoria dos sistemas e direito – Prof. Dr. Leonel Severo Rocha – Unisinos

- Ecoética, direitos humanos e patrimônio comum da humanidade – Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto – Unisinos

- Reflexões sobre os limites e possibilidades de sustentabilidade ecológica – Prof. MS Demétrio Guadagnin – Unisinos

- Encontros de saberes – a agroecologia refazendo o modo camponês de estar no mundo – José Maria Tardin – AS-PTA – PR

***Estão, igualmente, programados os seguintes minicursos:***

- Biodiversidade & biotecnologia: potenciais e estratégias para o desenvolvimento sustentável no Brasil - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Annette Droste – Unisinos

- Pazeando enquanto [tr]amamos outras linguagens - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edla Eggert – Unisinos

- Práticas ambientais em empresas brasileiras - Prof. MS Cláudio Senna Venzke e Prof. MS Gilberto Antonio Faggion – Unisinos

- Paisagem e memória de migrantes rurais e a recriação identitária - Prof.<sup>a</sup> MS Inês Caroline Reichert – Feevale

- Biointegridade de ambientes aquáticos e o controle de simúlideos - Prof. Dr. Milton Norberto Strieder – Unisinos

- Literatura e teologia: Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry e a Terra dos Homens - Prof. Dr. Waldecy Tenório - USP

- Economia solar: da ciência à política - Prof. Dr. Antônio Libório Philomena – FURG

- Meio ambiente e consumo sustentável: o papel do código de defesa do consumidor na concretização da cidadania – Prof.<sup>a</sup> Esp. Cátia Rejane Liczbinski Sarreta - UPF

- Questões de Ética Ambiental - Prof. Dr. José Nedel – Unisinos

- Educar para a sensibilidade ecológica: uma tarefa urgente para o Ensino Religioso na escola - Prof. Dr. Remi Klein – Unisinos

## **SIMPOSIO INTERNACIONAL. AS GRANDES CONFERENCIAS**

*As grandes conferências já confirmadas para o Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, são as seguintes:*

A vida do cosmos. auto-organização e caos - Conferencista: Prof. Dr. Günther Küppers - Universidade de Bielefeld – Alemanha

O impacto humano sobre a vida na terra – Prof. Dr. Thomas Lewinson, Unicamp;

Crescimento econômico e decrescimento. Os desafios da vida da terra para a economia contemporânea - Prof. Dr. Serge Latouche – Universidade de Paris-Sul;

Sociedade Sustentável e Desenvolvimento Sustentável. Limites e possibilidades - Dr.<sup>a</sup> Hazel Henderson – Flórida/EUA;

A Terra e a humanidade. Uma visão desde a teoria dos sistemas. Limites e possibilidades - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karen Gloy – Universität Luzern – Suíça;

Por uma Terra habitável. Um desafio para as grandes tradições religiosas da humanidade - Jacques Arnould - Centre National d'Études Spatiales, Paris.

### Os cursos do Simpósio

*Durante o Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade, estão programados e confirmados os seguintes cursos que se realizarão durante os três dias do simpósio:*

- 1.- O caos dedilhado em planilhas Excel - Prof. Dr. Armando Lopes de Oliveira - UFMG ;
- 2.- A vida e a obra científica de Balduino Rambo – Prof. Dr. Aldo Mellender de Araújo – UFRGS;
- 3.- Obra de Teilhard de Chardin – Prof. Dr. Pedro Magalhães Guimarães Ferreira - PUCRio
- 4.- Desenvolvimento Sustentável. Fundamentação teórico-prática – Prof. Dr. Marcel Bursztyn – UnB;
- 5.- Ecologia e Mística – Prof. Dr. Carlos James – IBRADES – Brasília.

### Escola política de Caxias do Sul conclui sua primeira turma

A Diocese de Caxias do Sul iniciou, neste ano, a Escola de Formação Fé, Política e Trabalho, em parceria com a Unisinos, por meio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e sob a coordenação da Coordenação Diocesana de Pastoral e da Cáritas Diocesana. A notícia é do boletim semanal do Regional Sul 3-CNBB. A Escola teve início em março, perfazendo um total de 170 horas/aula em 10 etapas, com assessores que são referência na reflexão e análise dos temas da fé, do trabalho e da política, à luz da Palavra de Deus e do Ensino Social da Igreja. Dos 91 inscritos, abrangendo os 32 municípios que fazem parte da Diocese, irão concluir a Escola 82 participantes. Este mesmo grupo continuará seus estudos de aprofundamento em 2005, em 5 etapas. A cerimônia de encerramento aconteceu no último dia 12 de dezembro, às 10 horas, na capela do Centro de Pastoral, com uma missa e entrega de certificados. As inscrições para a Escola em 2005 já estão abertas para uma nova turma.

### O Modo de objetivação jornalística

Vagabundos e mendigos. Prostitutas. As mulheres mendigas. Como a imprensa de Porto Alegre, no final do século XIX e meados do século XX noticiava o que se referia a eles? Para a Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco, professora e pesquisadora na UNISINOS, “poucos instrumentos conceituais foram elaborados até este momento para dar conta de um tipo de imprensa que pode ser localizada no Brasil, mais concretamente em Porto Alegre entre o final do século XIX e meados do século XX”. Abordando esse tema, com base em Michel Foucault, a

prof.<sup>a</sup> Beatriz Marocco escreveu um artigo com o título **O Modo de objetivação jornalística**, publicado no **Cadernos IHU Idéias** n.º 27, que acaba de sair. Os Cadernos IHU Idéias é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Os cadernos podem ser adquiridos na Livraria Cultural, ao lado do IHU ou escrevendo para esta página: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

[\(Voltar ao índice\)](#)

## IHU REPÓRTER



### João Paulo Sefrin

*Tomado pela sensibilidade natalina, o regente do Coral Unisinos, João Paulo Sefrin, conta-nos sua história na edição de encerramento do **IHU On-Line** no ano de 2004. Sefrin vê, na música, um trabalho de muita responsabilidade, mas que executa com tamanho prazer, que pode ser considerado uma atividade de lazer. Após relatar os passos que constituíram sua trajetória*

*pessoal e profissional, o regente deixa aos leitores uma mensagem natalina, enfatizando que o "Natal vem de dentro para fora".*

**Origens** - Sou natural de Sapiranga, hoje ainda uma cidade pequena. Nasci em uma família de classe média e tive a felicidade de ter uma infância muito tranqüila. A minha família sempre fez questão de manter os vínculos fortes. Meu pai era contabilista. Tenho um irmão dois anos mais velho que eu. Ele tem um filho, meu único sobrinho. Tenho as melhores lembranças da minha infância.

**Formação** - Iniciei minha formação escolar no Colégio Imaculado Coração de Maria, em Sapiranga, onde minha tia dava aula, o que fez eu me sentir em casa na escola. Estudei lá até a 4ª série. Cursei a 5ª série na Escola Estadual Coronel Genuíno Sampaio, a única na cidade que oferecia essa etapa naquela época. Depois fiz da 6ª série até a conclusão do 2º grau na Fundação Evangélica, de Novo Hamburgo. Foi muito bom ter estudado lá, pois a escola dava uma ênfase muito forte às manifestações culturais e artísticas. Posso dizer que isso foi decisivo para a posterior escolha da minha profissão. Assim que terminei o 2º grau, fiz vestibular para Música, na UFRGS, no curso que formava para composição e regência. Hoje são desmembradas essas duas partes. Iniciei o curso em 1982 e terminei em 1991, pois passei por um período de dúvidas, que me fez ir mais devagar antes de ter certeza do que eu realmente queria. Quem me ajudou nesse período foi um grande professor, meu mestre, Flávio Oliveira. Ele foi decisivo e tenho muito lhe agradecer.

**Paixão pela música** - Desde criança, eu sempre gostei muito de cantar. Na minha família, ninguém se dedicou à música. Tive um bisavô que tocava flauta, mas como um *hobby*, para passar para o tempo. Meus avós sempre cantaram em coral, gostavam e valorizavam a música de forma geral, e isso acabou sendo passado para mim. Fiz aula de violão com uma professora particular. Mais tarde também fiz aulas de piano com outra professora. Depois tive aula com o Mauro Harff, que, além de professor, também se tornou um grande amigo, meu mestre. A

convite de minha amiga, e hoje colega, Agnes Schemeling, comecei a cantar no Coral Unisinos, em 1990. A profissão de músico congrega muitas coisas. É uma profissão que eu levo muito a sério, com muita responsabilidade, mas, ao mesmo tempo, não deixa de ser um grande prazer, quase como se fosse um lazer.

**Grupo Pauta Estrela** - Na época em que eu estudei na Fundação Evangélica, fiz amigos eternos. Eu e alguns deles formamos um grupo de música, chamado *Pauta Estrela*. Era um grupo vocal, formado por quatro vozes masculinas, eu tocava violão e a Agnes Schemeling, flauta. Depois das dificuldades de conciliar o tempo em função de cada um ter tomado seu rumo, o grupo se desfez. Mas chegamos a ganhar alguns prêmios em festivais.

**Profissão** - Comecei trabalhando dando aula de violão em uma escola de música, em Novo Hamburgo, a Musisinos. Mas isso não dava estabilidade financeira. Quando comecei a cantar no Coral Unisinos, além de cantor eu era monitor de naipes; quando tinha ensaios parciais eu é que fazia o ensaio dos tenores. Quando o José Pedro Boéssio foi para os Estados Unidos estudar, assumi a regência do grupo, em 1992. Desde então, há 12 anos, estou no cargo aqui na Unisinos, com muito orgulho e alegria, pois tem sido maravilhoso. Além de ser o regente titular do Coral Unisinos, sou regente assistente da Orquestra Unisinos, preparando o grupo para o maestro Roberto Duarte e até regendo em algumas situações em que ele não pode comparecer.

**Família** - Conheci minha esposa, Ieda, na Fundação Evangélica de Novo Hamburgo. Começamos a namorar quando eu tinha 16 anos e ela, 14. Portanto, namoramos muito tempo antes de nos casar, em 1990. A Ieda é psicóloga e tem um consultório em Novo Hamburgo. Admiro-a muito por sua praticidade, determinação e facilidade na tomada de decisões. Temos um filho, o João Fernando, que tem 10 anos. Ele é tudo para nós. A realização de um casal é o filho. Fico feliz, porque o João Fernando é muito ligado a nós. Ele gosta de participar conosco das atividades, é um "parceirão". Tem uma sensibilidade bem desenvolvida e gosta muito de ler. Ele tem a idéia de ser autor e ator.

**Autor** - Herman Hesse.

**Livro** - *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marquez, e o conto *Sonhos de uma flauta*, de Herman Hesse.

**Filme** - *O nome da Rosa*, de Jean-Jacques Annaud.

**Presente** - Livros.

**Nas horas livres** - Qualquer atividade realizada em família, desde escutar música juntos até tomar um chimarrão.

**Um sonho** - Fazer uma volta ao mundo. Conhecer a Grécia e determinados lugares da Europa. Espero realizar um dia...

**Momentos marcantes** - O nascimento do meu filho, certamente, pois aprendi muita coisa naqueles instantes em que eu o acompanhei nascendo. Também marcaram os tantos concertos e apresentações maravilhosas. Destaco o último Sinos de Natal. Marcou-me para



sempre o fato de podermos trazer crianças da periferia para a Unisinos e colocá-las no projeto, cantando com todos nós.

**Unisinos** - A Unisinos é parte tão integrante da minha vida, que, quando eu escuto alguém falar da Universidade, é como se estivesse falando da sala da minha casa. A Unisinos é uma instituição muito sólida, não pensando no tamanho e nas dimensões que ela tem, mas na maneira de pensar, levando em conta a preocupação com o ser humano, com o indivíduo, com a valorização da vida. E isso se percebe na prática, nas ações da Universidade.

**IHU** - O próprio nome do IHU define o que ele é e faz, assim como sua importância na Unisinos. Fico feliz por ouvir e ver cada vez mais a respeito do Instituto Humanitas. Isso significa que ele está mais envolvido com a comunidade acadêmica e fora dela também. Isso é maravilhoso. A parceria do IHU com a Coordenação Cultural, realizada em 2004, com a Paixão Segundo S. Mateus, está ficando mais estreita para as atividades da Páscoa de 2005. A arte e a cultura junto com o IHU ganham uma força enorme, até um poder muito grande, usado em benefício das pessoas.

**Mensagem de Natal** - Lembro daquela música "Botei meu sapatinho...", que termina com a frase "seja rico ou seja pobre, o Velinho sempre vem". Eu pensava como podíamos cantar uma música dessas, vendo crianças abandonadas e pessoas sem nenhuma perspectiva de vida. Mais tarde me dei conta de que, o que está por trás disso, não é o Papai Noel trazendo presentes, não é essa figura comercial, capitalista. O Natal vem de dentro para fora. Se pudermos vivenciar e sentir isso, todo Natal será realizável e realizado. Nesse aspecto, o Papai Noel vem para todo o mundo, sem dúvida. O Natal acontece todo ano, invariavelmente, se acreditamos ou não, se temos ou não temos fé, e não precisa ser nessa época do ano. Depende de a gente acreditar e deixar ele aparecer.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Sala de Leitura



"Recomendo o livro ***O Físico - A epopéia de um médico medieval***, de Noah Gordon. Cidade: Rocco, 1996, 596 páginas. O livro trata da dramática vida de Rob Cole, um homem dotado com o dom da cura, obcecado por vencer a morte e a doença, na obscura e brutal Inglaterra do século XI e na Pérsia, com detalhes riquíssimos da civilização árabe e judaica. A história inicia com a infância de Rob, que fica órfão e é separado de seus irmãos, ainda muito jovem. Acaba virando aprendiz de barbeiro-cirurgião e, insatisfeito por desconhecer a cura para determinados males, decide cursar Medicina na Pérsia, onde leciona um famoso médico. O único problema é que cristãos não tinham acesso às universidades muçulmanas naquela época. Rob assume a identidade de Jesse von Benjamin, e se envolve em uma série de fatos impressionantes, que faz com que um capítulo seja literalmente devorado após o outro".

**Prof. Esp. Luís Felipe Schilling, professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos e coordenador de Projetos do Centro de Projetos em Tecnologia da Informação do Instituto de Informática da Unisinos.**



"Li recentemente um romance alemão, escrito por Hans-Ulrich Treichel em 1998, cujo título, em português, é **O Perdido**, e a editora é Companhia das Letras. Esse romance despertou meu interesse, pois narra o drama de uma família que, ao fugir do exército russo no fim da Segunda Guerra Mundial, perde um filho durante o tumulto. Destaco essa obra por sua problemática, por um lado, européia (as conseqüências da guerra na vida de cada um) e por seu caráter universal ao tratar das relações familiares. Também me marcou muito o fato de ter conhecido o autor, pois ele esteve em Porto Alegre durante a Feira do Livro a convite do Instituto Goethe e veio visitar a Unisinos, realizando aqui uma palestra aos alunos de Letras e do Unilínguas".

**Prof.ª. MS Maria Luísa Bredemeier, mestre em Literatura Alemã, professora do curso de Letras e do Instituto de Idiomas Unilínguas da Unisinos.**



"Estou lendo, no momento, o livro **Internacional - Autobiografia de uma paixão**, de Luís Fernando Veríssimo, publicado pela editora Ediouro, em 2004, e tem 144 páginas. Este livro, que ganhei de presente da minha querida irmã, mostra um pouco da história do Sport Clube Internacional, contada pelo grande escritor Luís Fernando Veríssimo. O autor relata, de uma maneira mágica, alguns momentos de sua vida, sempre relacionando com a fase do time de futebol do seu coração, desde o primeiro Grenal, em que ele foi, até momentos atuais, citando grande jogos que ele presenciou dentro do estádio dos Eucaliptos ou do Beira-Rio. Veríssimo menciona nomes de grandes jogadores que passaram pelo clube, títulos conquistados e outros fatos marcantes. Gostei muito do livro, pois me identifiquei com o autor pela paixão ao clube, mesmo sem ter vivido na mesma época do escritor. Espero, um dia, poder ler este livro, juntamente com as minhas histórias, para o meu filho, para que ele conheça a história do Sport Club Internacional".

**Jones Quadros Silva, bacharel em Informática, especialista em Redes de Computadores, e administrador de Redes na Unisinos.**

#### **EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilé Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br) . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) . Ramais: 1173 e 1195.*



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS